

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Curso de Pós-Graduação *latu sensu* em Coordenação
Pedagógica

Rita de Cássia Macedo Del Castilo

**O Estudo da (In) disciplina e as Formas Didático-
pedagógicas para a melhoria do Cenário
Educativo.**

Brasília

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Curso de Pós-Graduação *latu sensu* em Coordenação
Pedagógica

Rita de Cássia Macedo Del Castilo

**O Estudo da (In) disciplina e as Formas Didático-
pedagógicas para a melhoria do Cenário
Educativo.**

Monografia apresentada ao curso de pós-graduação *latu sensu* da Universidade de Brasília, como requisito parcial para conclusão do curso de Especialização em Coordenação Pedagógica.

Orientador(a): Prof.^(a) MsC. Sandra Regina Santana Costa.

TERMO DE APROVAÇÃO
Rita de Cássia Macedo Del Castilo

**O Estudo da (In) disciplina e as Formas Didático-
pedagógicas para a melhoria do Cenário
Educativo.**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora.

Prof^a. MsC. Sandra Regina Santana Costa
Secretaria de Estado de Educação do DF e Instituto de
Psicologia da Universidade de Brasília
(Tutora-Orientadora)

Prof^o MsC. Antônio
Fávero Sobrinho
Universidade de Brasília
(Professor-orientador)

Prof^a Dra. Norma Lucia Neris Queiroz
Secretaria de Estado de Educação do DF e Universidade de Brasília
(Examinadora externa)

Brasília, 18 de maio de 2013

À minha filha Ana Carolina pelo
apoio que me concedeu durante toda a
elaboração deste trabalho

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido a graça de concluir este trabalho.

Ao meu esposo, Jaime Tadeu, pelo seu companheirismo.

Aos meus filhos Pedro Augusto e Ana Carolina que são a razão do meu viver.

Aos meus pais que foram colaboradores de Deus e me deram a vida e incentivaram sempre o gosto pelos estudos.

Aos meus amigos que sempre indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

À orientadora Sandra, pelo seu direcionamento e incentivo.

Ao professor Antônio Fávero Sobrinho que abrilhantou nossas aulas presenciais.

À professora Neide que sempre acreditou que poderíamos concluir este curso.

“Disciplina é liberdade;
Compaixão é fortaleza;
Ter bondade é ter coragem.”

Renato Russo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
OBJETIVO GERAL	9
OBJETIVO ESPECÍFICO	9
CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO	
1. DISCIPLINA QUE DE CONTRAPÕE AO NOVO PERFIL DO ALUNO	10
1.1 – Prejuízo na vida acadêmica e na motivação do aluno.....	15
1.2– Prejuízos no fazer pedagógico do professor	17
1.3–Formas Didático-Pedagógicas de Enfrentamento da indisciplina	18
CAPÍTULO II	
2. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	21
CAPÍTULO III	
3. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	24
3.1 – Considerações Finais	47
4. REFERÊNCIAS	48
5. ANEXOS	
ANEXO 1	51
ANEXO 2	55

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar causas e conseqüências da indisciplina na escola com a finalidade de promover formas didático-pedagógicas no sentido de melhorar a compreensão da formação básica dos alunos no processo de aprendizagem. Para realizar este estudo e atingir o objetivo geral estabeleci objetivos específicos como promover formas didático-pedagógicas para melhorar o enfrentamento da (in) disciplina em nossas escolas e integrar a participação da escola, professores, alunos e família. Para tanto, contei com a colaboração de dez professores do Centro de Ensino Fundamental 14 de Taguatinga, uma escola situada na zona urbana de Taguatinga, foi inaugurada em 5 de agosto de 1993. Funciona nos turnos matutino e vespertino, oferecendo o nível de ensino dos anos finais do ensino fundamental. É uma escola inclusiva e atende em média 1080 alunos na faixa etária de 10 a 17 anos, com alunos inclusivos de até 23 anos de idade. Nossos alunos residem, em sua maioria, em Taguatinga, contamos com alunos do entorno, Ceilândia, Samambaia, Recanto das Emas e Riacho Fundo que são distribuídos em 30 turmas nos turnos matutino e vespertino. A proposta de desenvolver este estudo nasceu da observação de como a falta de disciplina atrapalha o aprendizado efetivo de nossos alunos e desmotiva o professor na realização do seu trabalho diário, também para buscar possíveis soluções didático-pedagógicas na busca de um ensino de qualidade. A metodologia utilizada foi uma pesquisa de natureza descritiva e qualitativa e adotado como procedimento a pesquisa de campo. A coleta de dados foi realizada através do instrumento questionário. Os resultados encontrados e descritos a seguir, visam colaborar com o melhor entendimento dos jovens contemporâneos e a sua relação com a escola, melhorar a aprendizagem no ensino fundamental anos finais e a relação escola – aluno – família: a) o foco da indisciplina não se encontra apenas nos alunos, há necessidade de melhorar o planejamento das aulas pelo professor e a participação efetiva dos pais na vida escolar de seus filhos; b) os aspectos sociais, a globalização das informações e o avanço tecnológico são fatores que influenciam o comportamento do jovem contemporâneo; c) os jovens possuem um perfil diferente, têm seus interesses em assuntos que muito diferem do currículo escolar, causando assim a indisciplina; d) a falta de valorização do professor, de aprendizagem do aluno e de rendimento escolar, também são fatores que geram indisciplina na sala de aula; e) a disciplina em sala de aula pode melhorar à medida que o respeito mútuo entre professor – aluno seja praticado, como também a construção coletiva de regras de convivência; f) o apoio dos gestores, um trabalho realizado em equipe e fortalecido pela atuação efetiva da coordenação, também colaboram com a disciplina na sala de aula.

Palavras chave: indisciplina; aluno; professor; escola; família.

INTRODUÇÃO

Segundo Dayrell,(2007, p.1005), as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços, afetando diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações. Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretenso individualismo de caráter hedonista e irresponsável, dentre outros adjetivos, que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar. Muito se escuta no burburinho dos professores na sala de reuniões, as dificuldades da sala de aula, a indisciplina no geral reina nos relatos. A falta de atenção de concentração e de interesse atropelam a aprendizagem. A angústia é geral e a falta de conhecimentos didático-pedagógicos de como lidar com tamanha inadequação gera muitas vezes um autoritarismo que não resolve os conflitos como, por exemplo, a indisciplina.

Este estudo foi realizado no Centro de Ensino 14, uma escola situada na zona urbana da cidade de Taguatinga. É uma escola inclusiva e atende em média 1080 alunos na faixa etária de 10 a 17 anos, com alunos inclusivos de até vinte e três anos de idade.

É necessário estudar a indisciplina, investigar suas causas e conseqüências e identificá-las, averiguar o prejuízo que a mesma causa na aprendizagem juntamente com os professores para melhorar a sua compreensão e descobrir quais são as formas didático-pedagógicas a serem trabalhadas para que esse fenômeno não atrapalhe a formação básica dos sujeitos envolvidos, já que essa formação é primordial para que a fase seguinte seja de qualidade.

A questão que me impulsiona dentro do tema da (in)disciplina é compreender o mundo contemporâneo, o que nos levou a conviver com situações de grande (in)disciplina e principalmente encontrar formas didático-pedagógicas para melhorar o ambiente escolar em todo seu contexto.

Quanto aos objetivos (geral e específico), estes encontram – se estruturados a seguir:

O objetivo principal da presente pesquisa é Investigar as causas e conseqüências da (in)disciplina na escola com a finalidade de promover formas didático-pedagógicas no sentido de melhorar a compreensão da formação básica dos alunos no processo de aprendizagem.

Os objetivos específicos destinam-se em promover formas didático-pedagógicas para melhorar o enfrentamento da (in) disciplina em nossas escolas e integrar a participar da escola, professores, alunos e família.

Para concretizar esses objetivos, escolhemos como sujeitos da pesquisa dez professores que trabalham fora e dentro das salas de aula, são comprometidos com a educação, possuem liderança, na maioria das vezes se posicionam abertos às críticas, às mudanças necessárias e lidam diariamente com situações de indisciplina.

O trabalho está organizado em 3 capítulos: Referencial Teórico (1); Metodologia da Pesquisa (2) e Análise dos Dados e Discussão dos Resultados (3).

Por fim, com este trabalho pretendo entender as causas da indisciplina e promover formas didático-pedagógicas para melhorar seu enfrentamento.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1. DISCIPLINA QUE SE CONTRAPÕE AO NOVO PERFIL DO ALUNO

Para Holanda Ferreira (1993, p. 188), “disciplina significa ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização, ou ainda relações de subordinação do aluno ao mestre”. É importante pensar que pelo seu próprio significado se faz necessário analisar questões de (in)disciplina na escola, que hoje constitui-se em uma tarefa exaustiva e de muitas dúvidas e conflitos para o professor.

No conjunto de transformações históricas, “o mundo mudou, os alunos também. Teremos de alterar nossas representações do mundo e do aluno”, Gimeno Sacristán (2005). A tarefa exaustiva do professor acontece pelo choque de conceitos entre a disciplina e a juventude contemporânea. As tensões e os desafios existentes na relação entre professores e alunos, segundo Dayrell (2006), são expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços, afetando diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações.

O ser humano só é aceitável socialmente quando se adéqua às regras compostas pelo grupo social em que está inserido, é aí que ele desenvolve sua personalidade que é influenciada pelos fatores do meio e da sua história pessoal, constituindo assim suas próprias características. A escola precisa ser repensada levando em consideração o novo perfil do aluno que para o educador argentino Narodowzky (2001), dizer que são obedientes e dependentes não corresponde mais à realidade contemporânea. O mesmo autor (2001) continua dizendo que “por conta do antagonismo entre o conceito de disciplina e o novo perfil do aluno, a (in) disciplina está presente nas salas de aula e isso causa uma inquietação nos profissionais que lidam com essa situação diariamente, existe um profundo estranhamento dos estudantes.”

O fazer pedagógico tem na relação professor-aluno uma mediação fundamental. Todavia nos últimos tempos, esta relação vem se constituindo em causa de muita preocupação, sobretudo sobre sua manifestação nos assim

chamados “problemas de disciplina” (VASCONCELLOS, 2007, p.169). “O aluno é uma construção histórica inventada pelos adultos ao longo da experiência histórica” Gimeno Sacristán (2005). Segundo Vygotsky (1984), os processos humanos têm gênese nas relações com o outro e com a cultura, ou seja, o homem se constitui imerso na cultura, nas experiências coletivas e práticas sociais. Portanto, nessa perspectiva histórico-cultural, cada sociedade forma o seu aluno com as características culturais do seu tempo, “formatam os sujeitos em seus hábitos mentais e motores, em laços de pertencimento ao parentesco, ao meio ambiente, às instituições sociais, às normas, regras e leis e a um conjunto de práticas singulares.” (WARNIER, 2000).

Hoje temos um aluno que vem com uma cultura experiencial, já passamos pelo sujeito da razão, pelo sujeito do iluminismo e sociológico. A presença da “cultura experiencial” dos alunos na escola requer que os professores olhem de perto as “rotinas escolares”. Essas rotinas, de acordo com Tardiff (2002) constituem-se em fenômenos fundamentais que permitem dar uma boa idéia da consciência prática dos professores e também dos alunos, sobretudo porque “têm um caráter de temporalidade, ou seja, são um agir no tempo” (FÁVERO SOBRINHO, 2010, p.5).

“As pedagogias atuais através das pesquisas tendem à humanização da educação colocando o aluno como sujeito da história, retirando-os da condição de ‘excluídos da história” Perrot (1992).

Segundo Fávero Sobrinho (2010), no espaço- tempo escolar, além “das artes de dizer, das artes de pensar e antes do fazer” de caráter pedagógico – ensinar, avaliar, disciplinar, pesquisar, estudar manifestam-se “mil outras ‘artes’ do dizer, do fazer e do pensar” inerentes à cultura contemporânea e motivo de estranhamento dos educadores que têm como referência o imaginário pedagógico de caráter iluminista.

Ainda segundo o mesmo autor, na perspectiva histórico – cultural, a escola deixou de ser uma comunidade de ouvintes, centrada no discurso pastoral dos professores, Fávero Sobrinho (2010, p.7-9). As escolas de hoje, recorrendo-se à expressão de Guattari (1994), são verdadeiros “territórios existenciais coletivos”, devido à presença de alunos que são os “praticantes do cotidiano” contemporâneo e que trazem para dentro das salas de aula as suas práticas culturais. Os estudantes, portanto, são produtos diários da cultura, de uma cultura-ação, de uma cultura no

sentido antropológico, que encara todo e qualquer ato social como uma forma de construir culturalmente e socialmente a realidade.

Com a presença dos jovens contemporâneos, a escola constitui-se também em um espaço de convivência, pois a ordem, a disciplina, o silêncio cederam espaço à comunicabilidade, à sociabilidade e à interatividade. No cotidiano escolar, cada vez mais os grupos e tribos juvenis estão presentes. Por essa razão, percebe-se entre os estudantes, fortes resistências ao currículo formal, pois seus interesses estão voltados para temas não escolares, tais como namoro, sexualidade, moda, festas, passeios, etc.

O jovem contemporâneo caracteriza-se muito mais por aceitar o mundo como ele é do que por agir. Ele não valoriza mais uma utopia exterior, mas sim, o aqui e o agora.

Parafraseando Fávero Sobrinho (2010, p.12) enquanto os professores querem desenvolver um pensamento crítico da realidade, os alunos se mostram descrentes. Isto acontece porque segundo Machado:

(...) modelos de comportamento que transitam pelo consumismo, pelo desencantamento, pelo nihilismo, pelo hedonismo e pelo cinismo, mas também pela lógica do estar - junto, pela morte das falsas ilusões do passado, do paraíso socialista e pela riqueza cotidiana que faz e refaz a vida contra todos os argumentos da racionalidade fechada e dos sistemas herméticos de explicações da errática aventura das sociedades. (MACHADO, 1996).

Segundo Arroyo (2007, p.801, 802), nas escolas, diretores, diretoras e docentes interrogam-se sobre como tratar as condutas, os valores ou a falta de valores e de parâmetros, a falta de limites morais dos educandos. Lamentam-se de que os alunos não reconhecem nem respeitam sua autoridade como competentes professores, transmissores de conhecimentos, mas sua autoridade moral para por ordem, respeito, disciplina, estudo, trabalho. Como se as indisciplinas as condutas e as violências estivessem desfocando o imaginário da profissionalidade docente para a autoridade moral. Como se a disputa fosse que as escolas tivessem de redefinir sua função de centros de ensino e transmissão de competências para centros de reabilitação de condutas e de contravalores para valores de ordem e disciplina. Valle (2002), afirma que a função moral da escola não é novidade, faz parte das análises mais clássicas sobre a escola e a docência e Durkheim (1952) já definia a autoridade pedagógica em termos de “autoridade moral”, como uma delegação da “moral social” na figura do educador para que a moral social fosse representada perante os

educandos,” ---os mestres e as escolas vêem que a ameaça a sua autoridade moral vem das novas relações da infância, adolescência e juventude com os valores, os saberes e a cultura.”

A (in) disciplina considerada hoje violência representa o questionamento mais assustador à autoridade moral dos professores e à moral social que supostamente a escola representa, e que deveria reproduzir como ambiente moral.

Moralizar os pobres, o povo, os indolentes sempre foi uma missão delegada pelas elites pelo sistema escolar público. Função moralizadora que a escola não estaria cumprindo, como revelam as violências infanto-juvenis. Diante de tantas indisciplinas os discursos propõem que retomem as escolas essa sua função precípua: moralizar os bárbaros. Este foi o discurso mais repetido perante o espanto diante dos menores infratores. Uma disputa sobre o imaginário do povo e da infância popular que leva a uma acirrada disputa sobre a função das escolas públicas e de seus profissionais (ARROYO, 2007, p. 803).

Vaconcellos (1997 p.231-233) nos fala que a crise da disciplina escolar hoje está associada justamente à crise de objetivos e de limites que estamos vivenciando. Do ponto de vista dos objetivos, há uma crise geral de projetos, de sentido para as coisas, em nível tanto mundial quanto nacional, tanto institucional quanto pessoal, tanto ideológico quanto sociopolítico-cultural. Há um sentimento generalizado de “geléia geral”, que se manifesta na desconfiança em relação à razão, no “fim da história e das utopias, no “salve-se quem puder”, no “procure curtir ao máximo a sua vida já” etc.

Na escola, esta crise se manifesta de muitas formas, mas com certeza uma das mais difíceis de enfrentar é a absoluta falta de sentido para o estudo por parte dos alunos. A pergunta “estudar para que”, nos parece que nunca esteve tão forte na cabeça dos alunos como agora. A famosa resposta dada por séculos, “estudar para ser alguém na vida”, chega a provocar risos nos alunos, ante a clara constatação de inúmeras pessoas formadas, porém desempregadas ou muito mal-remuneradas.

Este sentido extrínseco ao processo pedagógico foi a tábua de salvação de muitos professores: os alunos não viam sentido no que estavam fazendo, mas tinham em mente a perspectiva de uma recompensa mais tarde. Este era o “projeto educativo” de milhares de educadores. Hoje, os alunos continuam não vendo sentido nas práticas de sala de aula e não vislumbram mais um futuro promissor pela via do

diploma. O professor que baseava sua autoridade neste mito está perdido. E, o que é pior, não tem conseguido articular outro sentido para o conhecimento, a escola, o estudo.

A escola ficou protegida de suas contradições internas por muito tempo em função de sua relação de “parceria” com o mercado de trabalho. Esta motivação extrínseca – já que não estava ancorada na própria relação pedagógica – encobria e tornava “suportável” o que lá acontecia, tendo em vista o prêmio posterior (“Sofro agora, mas depois terei um bom emprego, serei alguém na vida”). Estamos diante do autêntico problema, que não é absolutamente novo, mas que agora – finalmente, nos parece – tem de ser enfrentado.

Este “estouro” do problema disciplinar na escola é, com certeza, um sinal que precisa ser decodificado, entendido.

Ora, só esta ausência de projeto já seria suficiente para provocar um grande estrago na sala de aula e na escola, afinal “para que me comportar se não vejo sentido naquilo que estou fazendo?” Mas a este fator vêm-se acrescentar outros dois, um de ordem circunstancial e outro estrutural. De um lado, tudo isto está acontecendo justamente no momento em que os professores estão submetidos às mais desfavoráveis condições de trabalho dos últimos tempos: má formação, salários miseráveis, número excessivo de alunos em sala, falta de material didático apropriado, falta de espaço de trabalho coletivo constante na escola, etc. De outro lado, temos a crise dos próprios limites, alimentada pela necessidade de um mercado baseado na exacerbação do consumo.

Antes de averiguar as conseqüências, se faz necessário refletir sobre as queixas dos professores em relação à (in) disciplina. Segundo Vasconcellos (1997, p.228-229), baseado em depoimentos são: “A falta de interesse está muito grande. Os alunos estão dispersos, não respeitam mais o professor, estão vivendo em outro mundo. A tecnologia avançou demais e o professor infelizmente não acompanhou, ficou desinteressante para eles. Eles estão acostumados a apertar botão de videogame, de computador, a ver televisão e aí aparece o professor com o apagador e giz... O professor não está conseguindo ter domínio, as aulas estão muito no passado, muito antigas. Os meios de comunicação ao invés de ajudar estão atrapalhando: programas muito violentos. Não está existindo liberdade com responsabilidade. As crianças de hoje são mais espertas do que antigamente. A família não tem colaborado; os aluno vêm sem limites de casa. Geralmente há até

convivência dos pais, o professor nunca tem razão. Há muitos problemas familiares. A própria família não sabe o que fazer, a mãe fala: “O que eu faço com ele? Vou matar?” A disciplina em sala de aula extrapola totalmente e aí não tem jeito, só se bater e bater não pode. Eu não sei o que fazer com a classe. Tem hora que dá vontade de bater em todo mundo. Às vezes, o professor é completamente ignorado em sala de aula; você entra e parece que não entrou ninguém. Por que se dá tanta regalia aos alunos e o professor é tão esfolado em sala de aula? Como manter uma aula decente se você não tem material pedagógico, não tem condições de trabalho, não tem nada? Você vai tentar punir o aluno, não pode porque a direção não deixa, o Estado não permite, os pais não permitem.

Depois de perceber alguns pontos da queixa como o aluno e seu desinteresse que vem da competição entre o que oferece a tecnologia lá fora e o que o professor oferece em sala, a família que não acompanha o desempenho escolar de seu filho, a escola que não apóia o professor e a própria desorganização da sociedade nos leva a colocar em questão a própria relação pedagógica, que tem que lidar diariamente com a (in) disciplina, então se faz necessário averiguar também suas conseqüências.

1.1 PREJUÍZO NA VIDA ACADÊMICA E NA MOTIVAÇÃO DO ALUNO

A baixa aprendizagem dos alunos é uma das principais conseqüências da (in) disciplina, Aquino (1996, p.87), ressalta

(...) a disciplina é vista como uma qualidade, uma virtude que tem como objetivo a convivência e produção escolar de melhor qualidade. Assim, se a disciplina visa à melhora da produção escolar, isto significa a sua importância para uma aprendizagem significativa e de valor.

Para Franco (2000, p.21), a disciplina escolar está indissoluvelmente ligada aos processos de transmissão e assimilação dos conhecimentos elaborados historicamente pelo homem. Portanto, a falta dela leva ao prejuízo dessa assimilação, ou seja, da aprendizagem.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.52) entende-se que a aprendizagem é significativa quando os estudantes conseguem estabelecer

relações substantivas e não-arbitrárias entre os conteúdos escolares e os conhecimentos previamente construídos por eles, num processo de articulação de novos significados, então em meio a (in) disciplina é impossível fazer relação de novos conhecimentos com o contexto de cada aluno para assim adquirir significado. Também se pode analisar o que Machado (1995, p.138) nos afirma que compreender é aprender o significado e aprender o significado de um objeto ou acontecimento é vê-lo em suas relações com outros objetos ou acontecimentos.

Também pode se perguntar se é a falta de aprendizagem que gera a (in) disciplina? Aquino (1996, p.40) ressalta: [...] não é impossível escutar também que a indisciplina pode por sua vez ser causada por problemas de aprendizagem.

O que se vê acontecer é que a (in) disciplina abala a relação entre professores e alunos, ela coloca em dúvida a autoridade do professor e altera para pior as ações pedagógicas efetivadas em sala de aula. Segundo Lima (2005, p.19), o professor já se apropriou do conhecimento formal que o educando deverá adquirir e a interação entre ambos deve ser tal que permita e promova a aprendizagem deste conhecimento. Portanto a (in) disciplina é um comportamento que dificulta essa interação que deve haver entre professor e aluno, levando ao prejuízo da aprendizagem.

Segundo Hengemuhle (1997, p.61) o que atrai o homem à pesquisa, à ciência é o desejo de ser útil, a excitação advinda da exploração de um novo, a esperança de encontrar a ordem e o impulso para testar o conhecimento estabelecido. E segundo o mesmo autor (2008, p.37), sem a possibilidade de compreensão, por que as coisas são como são? Sem esse sentido, o ser humano perdeu a sua motivação. As situações de (in) disciplina dentro da sala de aula se tornam cada vez mais freqüentes, impossibilitando a manutenção nata que todo ser humano possui de sua motivação para o conhecimento do novo. Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretensão individualismo de caráter hedonista e irresponsável dentre outros adjetivos, que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar. Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam a sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas (DAYRELL, 2007, p.1106).

Outro aspecto a se considerar é o de querer fazer, será que o nosso aluno realmente se encontra motivado a querer fazer? Muitas vezes é mais fácil motivar-se para o errado, no caso a (in) disciplina, do que para o certo, a disciplina.

A (in) disciplina em sala de aula também é gerada pelo desinteresse e falta de motivação, pois as explicações dos professores sobre a importância do estudo, já não são suficientes para o aluno, já não são capazes de motivá-lo rumo ao bom comportamento, ou seja, integrando-se à aula com participação efetiva.

1.2 PREJUÍZOS NO FAZER PEDAGÓGICO DO PROFESSOR

O problema da (in) disciplina está angustiando cada dia mais os professores. Muitas vezes o professor imagina o que pode ser feito, mas não se encontra preparado e nem motivado para isso. No entanto, muitas vezes, não o faz porque parafraseando Vasconcellos (1997, p.230-231), não acredita mais profundamente, não tem segurança, não sabe como fazer, não vê condições efetivas.

O fazer do sujeito depende do querer e do poder, que se relacionam, dialeticamente, já que, por exemplo, o não ver possibilidade acaba diminuindo o desejo de fazer. O poder, por sua vez, tem uma base objetiva, que serão as condições mínimas para a ação; e uma base subjetiva, que é o saber fazer. Há também aqui uma relação entre estas dimensões, uma vez que a base objetiva pode ser alterada justamente pela ação consciente do homem, portanto, orientada pela base subjetiva (VASCONCELLOS, 1997, p.230).

Novamente parafraseando Vasconcellos (1997,p.234-235), quando analisamos a posição dos professores em relação ao problema disciplinar, encontramos representações mentais que podem funcionar como obstáculos epistemológicos, tais como: espera da receita mágica, idealização das alternativas e a sensação do “não-poder”. Se não forem levados em conta podem dificultar a construção de novas perspectivas na ação do professor. Portanto, fazer o professor voltar a acreditar na possibilidade de mudança do outro, de si e da realidade se apresenta como um dos maiores desafios da educação.

1.3 FORMAS DIDÁTICO- PEDAGÓGICAS DE ENFRENTAMENTO DA (IN) DISCIPLINA

“O importante não é tanto o que fizeram comigo, mas o que faço com o que fizeram comigo.” SARTRE(cf. VASCONCELLOS, 1996).

Para mudar a realidade é preciso fazer uma opção e ter coragem de enfrentar a questão da (in) disciplina, superando os escapismos e não se colocando como “salvador da pátria”.

O professor precisa ser compreendido, mas precisa assumir a sua parte. Vasconcellos (1997, p.239-240) diz que um dos critérios para se definir uma profissão é que os sujeitos que a abraçam possam ser responsabilizados pelo seu exercício. É preciso, no entanto, falar das responsabilidades e, neste campo, com certeza, o professor tem uma parcela, ainda que absolutamente não exclusiva.

Vasconcellos no trabalho acima citado segue dizendo (p. 240-241) que entendemos que o problema da disciplina é tarefa de todos: sociedade, família, escola, professor e aluno. Todavia, não podemos ser ingênuos, pois embora a tarefa seja de todos, nem todos estão interessados em resolver o problema. O que fazer diante disso? Cruzar os braços e esperar que o outro faça a parte dele, para fazermos a nossa? Não. Até porque, se fizermos isso, nem teremos moral para cobrar do outro. Que atitude ter, então? Uma atitude transformadora, ou seja, começamos tentando fazer a nossa parte somamos com os aliados da luta e vamos, ao mesmo tempo, cobrando que o outro faça a parte dele. É assim que estamos entendendo esse processo de mudança: que cada segmento assuma suas responsabilidades específicas – que são evidentemente diferentes – e exija que os outros também assumam suas respectivas, enquanto todos se comprometem simultaneamente com a mudança das estruturas que estão por trás do problema.

Sente-se necessidade de apontar para a mudança de enfoque: em vez de culpa, é preciso falar de responsabilidade. A culpa, por ser de “fora para dentro”, leva ao julgamento e à atitude de defesa, de transferência, de procurar jogar novamente para fora, buscando outro culpado; a preocupação maior acaba ficando em achar o culpado e não em resolver o problema. A responsabilidade, por ser algo mais de dentro para “fora”, chama para a ação, para o compromisso com a superação.

A sala de aula e a escola não estão desvinculadas da problemática do resto da comunidade e da sociedade, porém têm sua autonomia relativa.

De imediato eu não tenho condições de mudar as pessoas e/ou o mundo; entretanto, de imediato, eu posso mudar a maneira de me relacionar com as pessoas e com o mundo! Isto não é tudo, mas um passo importante e de minha responsabilidade!

Para começar é preciso refletir sobre a questão do respeito, exige-se o respeito do aluno para o professor, e ao contrário? Segundo Vasconcellos (1997, p.245), muitos problemas de indisciplina têm origem na questão do desrespeito... Enquanto o desrespeito do aluno, normalmente, é explícito, o desrespeito do professor é camuflado, é sutil.

Outro fator é o uso da autoridade, pois sem ela não se faz educação. O professor deve buscar a legitimação da autoridade a partir do diálogo e da firmeza de proposta (VASCONCELLOS, 1997, p.248).

Segundo Vasconcellos (1997, p.249-250), a equipe diretiva precisa criar um clima de confiança, baseado numa ética e no autêntico diálogo. O mesmo autor (2007, p. 169-172) continua dizendo que existem algumas perspectivas de ação de ordem institucional, no sentido de favorecer a construção de uma nova disciplina em sala de aula e na escola: Projeto Político-pedagógico, Projeto de Ensino – Aprendizagem, condições adequadas de trabalho na escola (número de alunos por classe, salário, instalações, espaço de trabalho coletivo constante entre os educadores), buscar definir com clareza os papéis e fortalecer os professores (apoio, espaço para atendimento, possibilitar a descarga de ansiedades, reflexão coletiva para trabalhar dificuldades, diminuir o estresse informacional).

Para Foucault (1988), “não cabe mais ao intelectual continuar exercendo o seu poder pelo saber, considerando-se dono da verdade e da consciência de todos.” Cabe ao professor estabelecer ligações transversas de “saber para saber”, ponto fundamental de um novo tipo de interação educativa entre o “saber científico, do qual o professor é o agenciador, e os “saberes dos alunos”, quaisquer que sejam eles, sejam quais forem as suas condições de historicidade em sala de aula. Cabe, portanto, ao professor problematizar os “registros experienciais e culturais” presentes no cotidiano escolar e articulá-los aos “registros epistêmicos” próprios da educação escolar e para os quais ele, como “sujeito epistêmico”, recebeu uma formação pedagógica (TARDIFF, 2002).

Segundo Rossini (2007, p.16,44) “a afetividade é a base da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometida, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da atividade humana, independentemente da idade, sexo, cultura.”

A complexidade da vida moderna acaba delegando aos professores papéis antes só de responsabilidade dos pais, e é importante que o papel da afetividade também seja cumprido pelo professor, pois essa atitude colabora com a disciplina em sala de aula. O educador de hoje deve ter qualidades humanas imprescindíveis: equilíbrio emocional, responsabilidade, caráter, alegria de viver, ética e principalmente gostar de ser professor.

Para finalizar, conforme Vasconcellos (2007, p.172-173), construir uma nova disciplina é tarefa de todos, então cabe também ao aluno novas atitudes e comportamentos, participação em sala de aula, participação na vida da escola, desenvolver um sentido solidário de aprendizagem e ter clareza que o estudo é um trabalho, que pode e deve ser realizador, mas exige esforço, dedicação, frustração. Ou seja, não é possível esperar uma “aula gostosa” o tempo todo.

Concluimos insistindo que na perspectiva de parceria (e não de acusação) entre alunos, professores e instituição para a construção de um novo sentido e de um novo relacionamento na escola. Estas indicações têm o intento de provocação para a reflexão e tomada de decisão pessoal e coletiva, a fim de que como um autêntico caminho de formação do novo cidadão, qual seja, aquele que é capaz de dirigir ou de não deixar negar/enganar por quem dirige (GRAMSCI, 1978 apud VASCONCELLOS, 2007, p.173), bem como de constituição dos valores humanos radicais, que apontam e sustentam a perspectiva de vida plena para todos (cf. JO 10, 10).

CAPÍTULO II

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo aborda-se como foi feita a coleta de dados deste estudo, que engloba o contexto da pesquisa, os participantes do estudo, os instrumentos de coleta de dados, os procedimentos de coleta e análise dos dados que têm como cenário uma escola de ensino fundamental dos anos finais.

Este estudo de pesquisa, fundamenta-se na abordagem qualitativa, pois segundo Denzin e Lincoln (2005, p.3):

A pesquisa qualitativa parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia – a – dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo.

Para Gil (1999, p.42), “a pesquisa tem um caráter pragmático”, ou seja, é um “processo formal e sistêmico de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Apresenta também a abordagem quantitativa como apoio à qualitativa, Bryman (1992, p.59-61), pois contribui para a ampliação do conhecimento.

Quanto ao procedimento adotado, foi escolhida a pesquisa de campo. Segundo Marconi e Lakatos (2002, p.83):

A pesquisa de campo tem o objetivo de buscar informações e/ou conhecimentos acerca de um problema que se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar ou ainda descobrir novos fenômenos ou relações entre eles.

As pesquisas de campo trabalham com amostragens que representam uma parte da população que se pretende estudar, Faria; Cunha e Xavier Felipe (2007, p.35), portanto, a presente pesquisa dentro de um universo de 36 professores, questionou 10 deles que prestam seus serviços na Secretaria de Educação –DF, lotados no CEF 14 de Taguatinga.

Neste estudo, utilizamos como instrumento de pesquisa o questionário com a intenção de se obter dados que atestem aos objetivos desta pesquisa.

A escola pública pesquisada localiza-se na zona urbana de Taguatinga – DF. Foi criada em 05 de agosto de 1993 para assim iniciar seus trabalhos.

A escola atende aproximadamente 1080 alunos que cursam o Ensino Fundamental de 09 anos, nos turnos matutino e vespertino. A escola conta com um quadro de 03 coordenadores pedagógicos, 36 professores do ensino fundamental, sendo 12 de contrato temporário. Conta ainda com 04 merendeiras e 03 vigias. Tem a seguinte estrutura física: 15 salas de aula, 01 sala multifuncional, 01 mecanografia, 01 secretaria, 01 sala de recursos, 02 depósitos, 01 sala para a assistência, 01 sala para orientação e 01 para a direção, 01 sala de professores, 01 cantina, 01 copa, 02 quadras, 04 banheiros, 01 biblioteca, 01 sala para o administrativo e 01 laboratório de informática.

A escola desenvolve projetos buscando uma educação de qualidade com a formação de alunos – cidadãos e também para fazer a escola se tornar mais significativa e lúdica para o nosso aluno.

O projeto político – pedagógico é desenvolvido e aplicado por toda a equipe pedagógica e administrativa, sendo passível de mudanças se necessário for.

A prática pedagógica é pautada por um trabalho realizado em equipe.

A proposta pedagógica tem como objetivo a aprendizagem significativa dos nossos alunos através do desenvolvimento do currículo e de projetos bimestrais.

Os participantes da pesquisa foram 10 professores das diversas áreas do conhecimento e de outros setores da escola, tais como: 02 coordenadoras pedagógicas, 01 coordenadora da escola integral, 02 professoras de matemática dos 7º e 9º anos, 01 professora de português do 8º ano, 03 professores de ciências do 6º, 8º e 9º anos e 01 professora de artes dos 6º, 7º, 8º e 9º anos. Estes 10 professores foram escolhidos por lidarem com situações de indisciplina dentro e fora das salas de aula. São professores comprometidos com a educação, possuem liderança e na maioria das vezes se posicionam abertos às críticas e às mudanças. Os professores foram receptivos ao trabalho de pesquisa e responderam às questões propostas no questionário.

Foram tomados todos os cuidados éticos e os professores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2), de acordo com as recomendações e normas de pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 1996).

O instrumento para a coleta de dados utilizado neste estudo foi um questionário contendo 20 questões fechadas (Anexo 1).

O procedimento da coleta de dados foi através da demonstração do projeto de pesquisa a cada professor participante que, sem exceção se envolveram e reconheceram a relevância do presente estudo.

Para Lakatos (2001, p.36) “os procedimentos de análise dos dados consistem na interpretação sistemática dos dados e na elaboração do relatório de pesquisa.” A análise dos dados foi realizada com base no questionário e na consulta ao referencial teórico.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos a tabulação dos dados coletados através do questionário, que foi incorporado nos anexos e com seus respectivos gráficos apresentados a seguir. Também se apresentam neste capítulo a discussão dos resultados com base nos dados e com consulta ao referencial teórico.

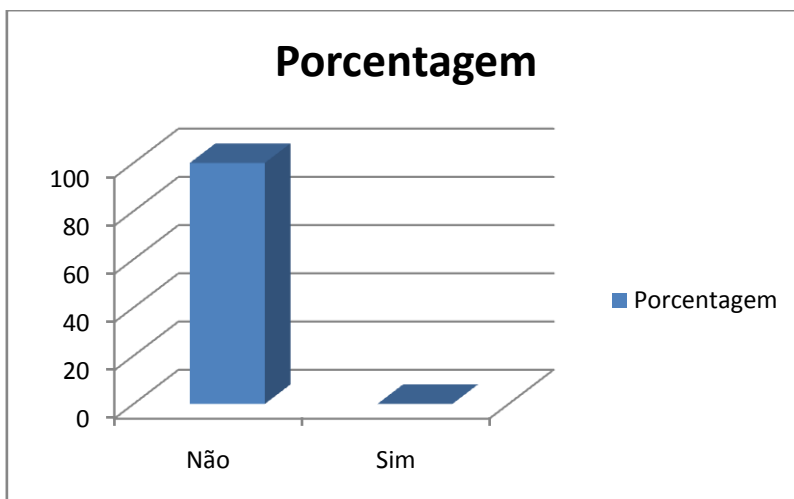
1 – O foco da indisciplina

Tabela 1.1-O foco da indisciplina.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	0,0	0%
não	10,0	100%
Total	10,0	100%

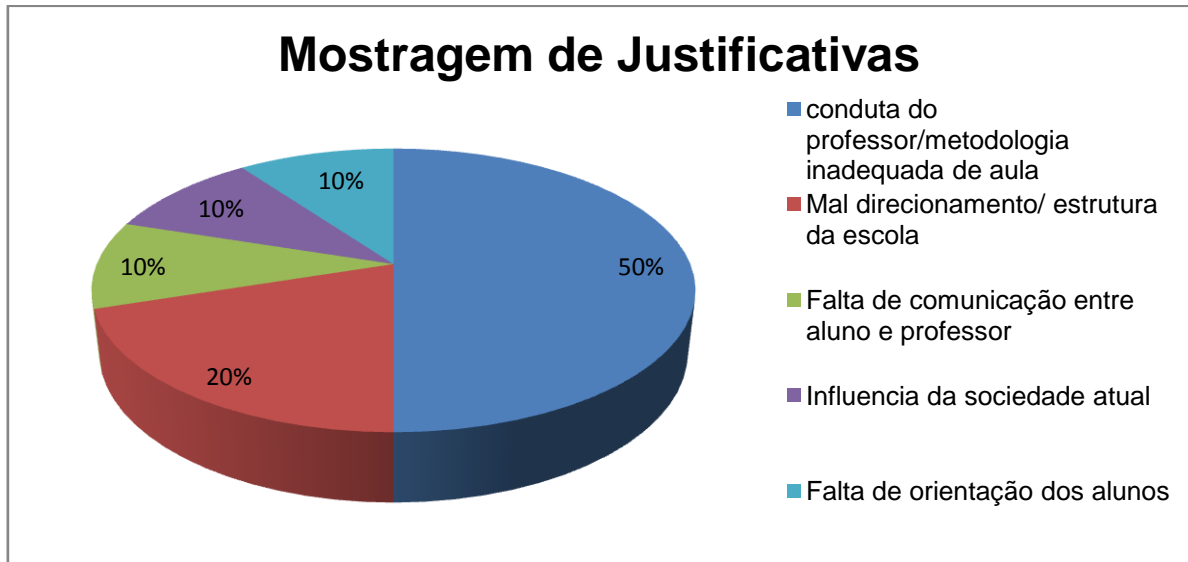
Fonte: pesquisa de campo

Gráfico 1.2 –O foco da indisciplina.



O gráfico abaixo mostra as justificativas para indivíduos que responderam “não” na questão 01:

Gráfico 1.3- O foco da indisciplina.



Dos entrevistados, 100% responderam não, porém a justificativa ficou com 50% para metodologia inadequada de aula, 20% o mau direcionamento e estrutura da escola, 10% para a falta de comunicação entre aluno e professor, 10% para a falta de orientação dos alunos, e para influência da sociedade atual também coube 10%.

Um dos critérios para se definir uma profissão é que os sujeitos que a abraçam possam ser responsabilizados pelo seu exercício (VASCONCELLOS, 1997, p. 239-240), portanto o professor precisa ser compreendido, mas precisa assumir a sua parte melhorando o seu fazer pedagógico.

Vasconcellos (1997, p. 249 – 250) diz que “a equipe diretiva precisa criar um clima de confiança, baseado numa ética e no autêntico diálogo.” Parafraseando o mesmo autor (2007, p.169 – 172), para favorecer a construção de uma nova disciplina na sala de aula e na escola, é preciso agir proporcionando condições adequadas de trabalho e construir coletivamente o Projeto Político – pedagógico da escola.

Quando os entrevistados colocam que a falta de comunicação entre aluno e professor também justifica o foco da indisciplina, podemos citar Foucault (1988) que nos diz que “não cabe mais ao intelectual continuar exercendo o seu poder pelo

saber, considerando-se dono da verdade e da consciência de todos.” Portanto, cabe ao professor problematizar os “registros experienciais e culturais” presentes no cotidiano escolar e articulá-los aos “registros epistêmicos” próprios da educação escolar e para os quais ele, como “sujeito epistêmico”, recebeu uma formação pedagógica (TARDIFF, 2002).

Para finalizar, conforme Vasconcellos (2007, p.172 – 173) nos fala

(...) construir uma nova disciplina é tarefa de todos, cabe também ao aluno novas atitudes e comportamentos, participação em sala de aula, participação na vida da escola, desenvolver um sentido solidário de aprendizagem e ter clareza que o estudo é um trabalho, que pode ser realizador, mas exige esforço, dedicação, frustração. Ou seja, não é possível esperar uma “aula gostosa” o tempo todo.

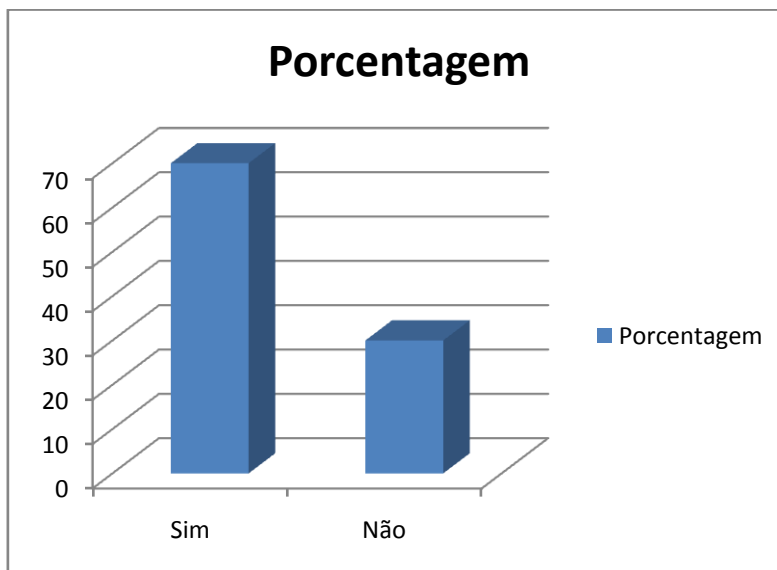
2 - Relação entre mau planejamento de uma aula e a indisciplina.

Tabela2.1- Relação entre mau planejamento de uma aula e a indisciplina.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	7,0	70%
não	3,0	30%
Total	10,0	100%

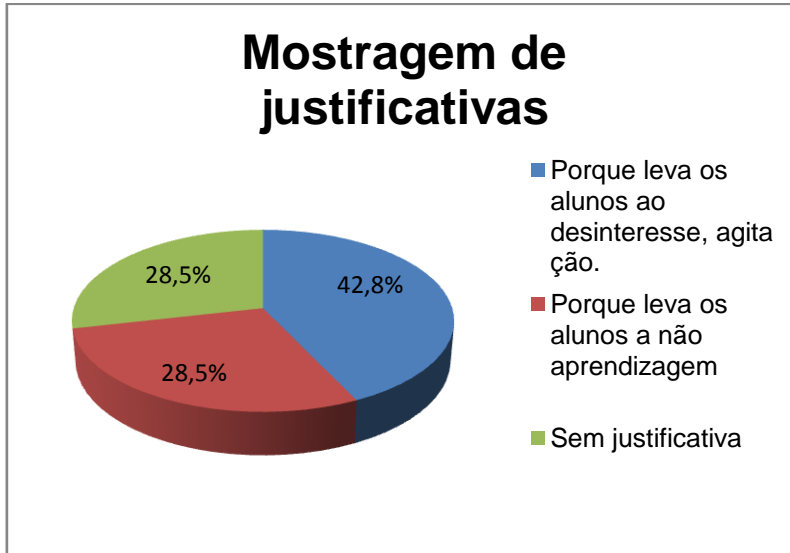
Fonte: pesquisa de campo

Gráfico2.2- Relação entre mau planejamento de uma aula e a indisciplina.



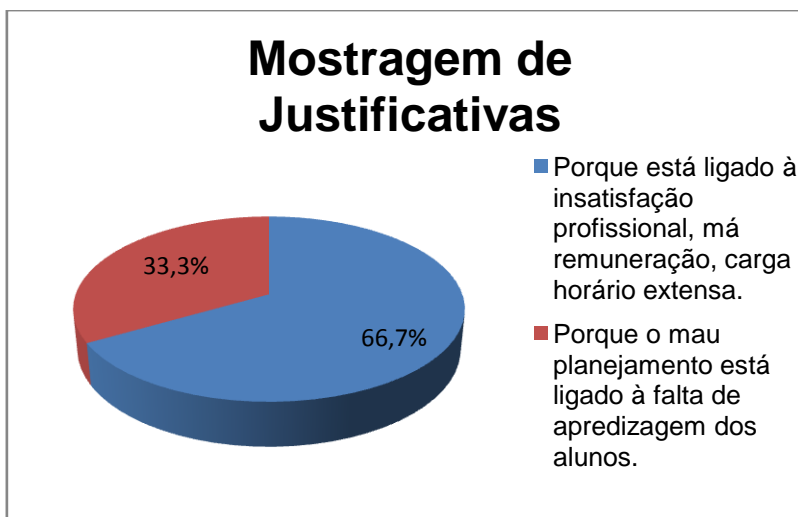
O gráfico abaixo mostra as justificativas para os indivíduos que responderam “sim” na questão 2:

Gráfico 2.2-Relação entre mau planejamento de uma aula e a indisciplina.



O gráfico abaixo mostra as justificativas para os indivíduos que responderam “não” na questão 2:

Gráfico2.3-Relação entre mau planejamento de uma aula e a indisciplina.



Dos 70% dos entrevistados que responderam sim, 42,8% justificaram que é porque leva os alunos ao desinteresse e agitação 28,6% justificaram que é porque leva os alunos a falta de aprendizagem e 28,6% não justificaram.

Aquino (1996,p.40) ressalta: “[...] não é impossível escutar também que a indisciplina pode por sua vez ser causada por problemas de aprendizagem.” Para Franco (2000,p.21), a disciplina escolar está indissolúvelmente ligada aos processos de transmissão e assimilação dos conhecimentos elaborados historicamente pelo homem.

Analisando as falas de Aquino e Franco acima citados, entende-se que é difícil se efetivar a aprendizagem em meio a indisciplina.

O mau planejamento de uma aula segundo os entrevistados, também gera indisciplina e desinteresse, pois segundo Hengemuhle (1997, p.61) “o que atrai o homem à pesquisa, à ciência é o desejo de ser útil, a excitação advinda da exploração de um novo, a esperança de encontrar a ordem e o impulso para testar o conhecimento estabelecido.” Portanto, a indisciplina dificulta que professores e alunos encontrem essa motivação que é nata.

Dos 30% dos entrevistados que responderam não, 66,7% justificaram que o mau planejamento está ligado à insatisfação profissional e os 33,3% a falta de aprendizagem. Se faz importante perceber que essa parte dos entrevistados relacionam o mau planejamento de uma aula com a insatisfação profissional, então volto a citar Vasconcellos (1997, p. 239 – 240) que diz que “ um dos critérios para se definir uma profissão é que os sujeitos que a abraçam possam ser responsabilizados pelo seu exercício.

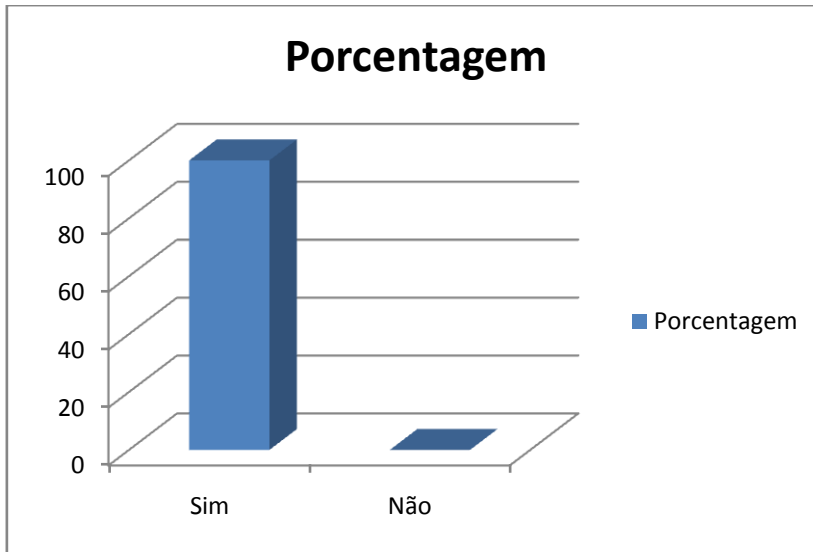
3 - Aspectos sociais influenciam o comportamento dos alunos.

Tabela 3.1- Aspectos sociais influenciam o comportamento dos alunos.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	10,0	100%
não	0,0	0,0
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo

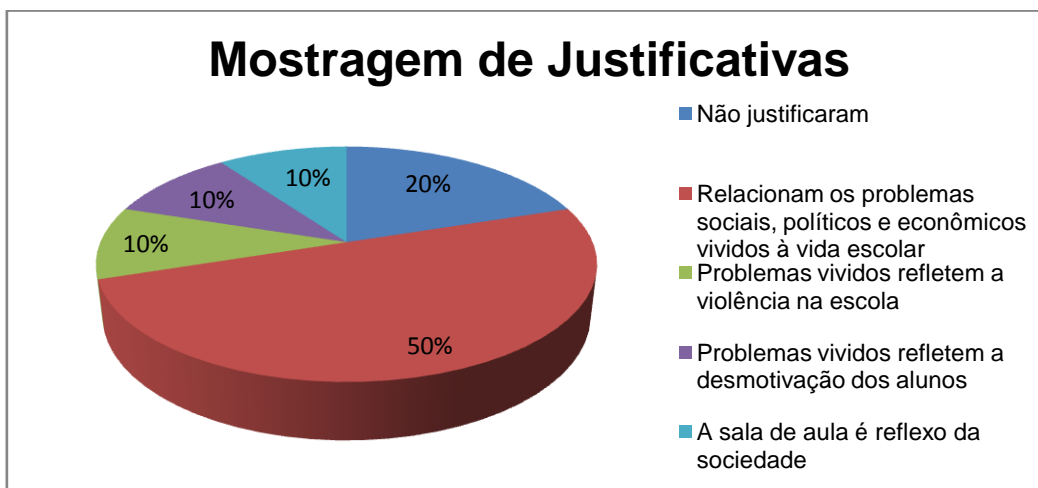
Gráfico 3.2 - Aspectos sociais influenciam o comportamento dos alunos.



A totalidade dos entrevistados respondeu que sim, sendo justificados por 50% aos problemas sociais, políticos e econômicos, pois cada sociedade forma o seu aluno com as características culturais do seu tempo, “formatam os sujeitos em seus hábitos mentais e motores, em laços de pertencimento ao parentesco, ao meio ambiente, às instituições sociais, às normas, regras e leis e a um conjunto de práticas singulares.” (WARNIER, 2000).

“Os estudantes, portanto, são produtos diários da cultura, de uma cultura – ação, de uma cultura no sentido antropológico, que encara todo e qualquer ato social como uma forma de construir culturalmente e socialmente a realidade” (FÁVERO SOBRINHO, 2010, p.7-9)

Gráfico 3.3 - Aspectos sociais influenciam o comportamento dos alunos.



Segundo Vygotsky (1984), os processos humanos tem gênese nas relações com o outro e com a cultura, ou seja, o homem se constitui imerso na cultura, nas experiências coletivas e praticas sociais. Portanto, o aluno é fruto do seu meio e de suas experiências.

4 - Influências do mundo contemporâneo no comportamento do aluno.

Tabela 4.1-Influências do mundo contemporâneo no comportamento do aluno.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	7,0	70%
não	0,0	0,0%
Não assinalaram nenhuma alternativa	3,0	30%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo

Gráfico4.2-Influências do mundo contemporâneo no comportamento do aluno.

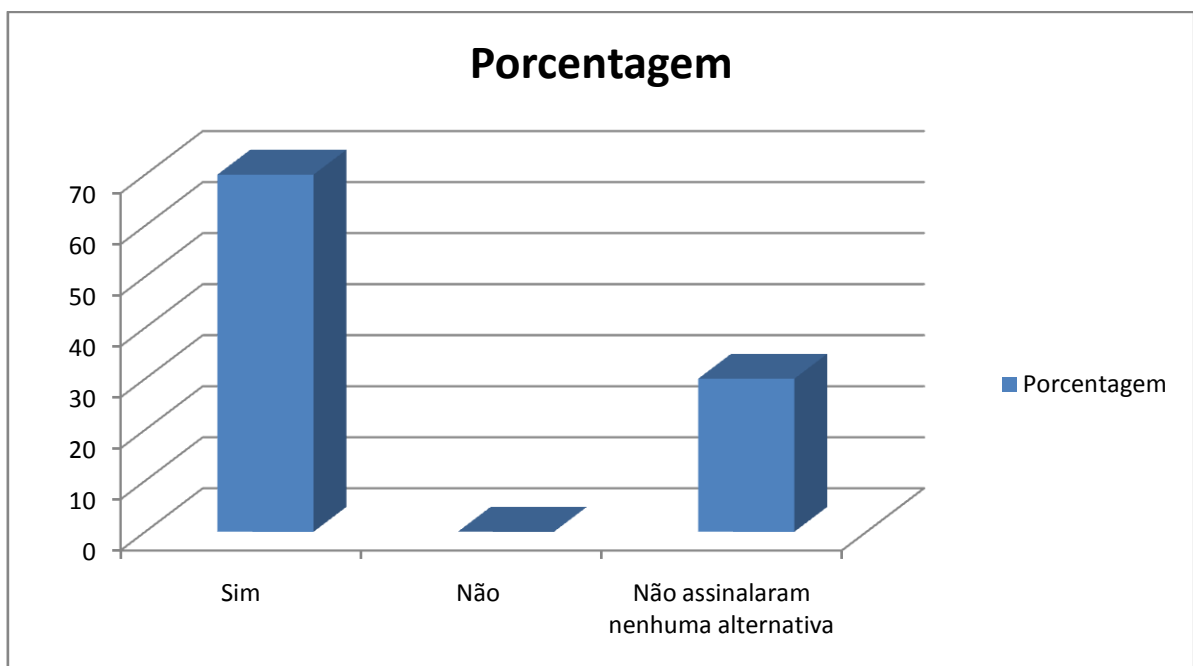


Gráfico 4.3-Influências do mundo contemporâneo no comportamento do aluno.

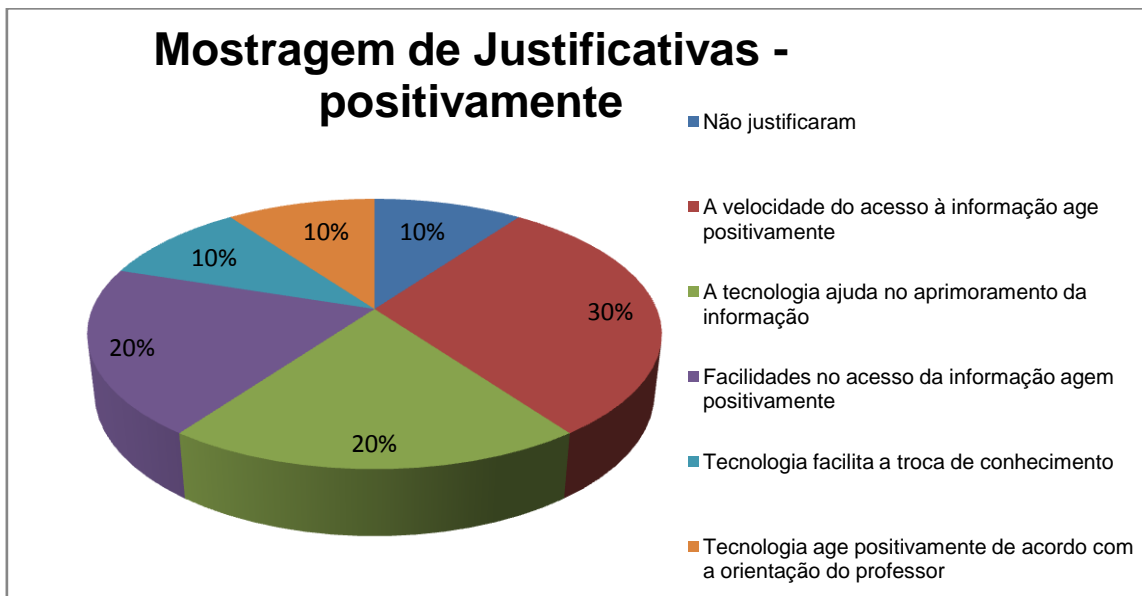
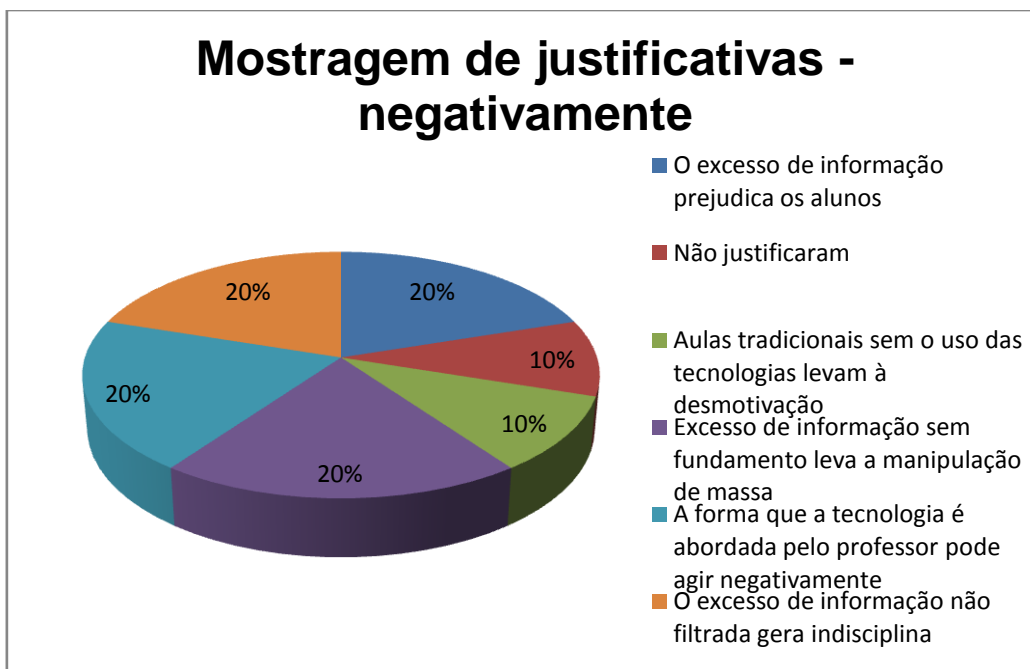


Gráfico 4.4- Influências do mundo contemporâneo no comportamento do aluno.



Setenta por cento dos professores entrevistados responderam que concordam que há uma influência sim do mundo contemporâneo no comportamento

dos alunos, mesmo porque o ser humano só é aceitável quando se adéqua às regras compostas pelo grupo social em que está inserido. 30 % justificaram que a velocidade da informação age positivamente, mas 80% dos que acham que a influencia é negativa, 20% relatam que o excesso de informação não filtrada gera indisciplina, 20% acham que o professor aborda o avanço da tecnologia de maneira errada, 20% falam que o excesso de informação leva à manipulação de massa e os 20% restantes acham que esse excesso de informação prejudica os alunos.

Felix Guattari (1992) considera que estamos em meio a uma mutação existencial coletiva na qual coexistem e se articulam um apego arcaizante às tradições culturais e uma aspiração à modernidade tecnológica e científica, constituindo, assim, o coquetel subjetivo contemporâneo. Portanto, de acordo com a maioria dos entrevistados, seja positiva ou negativamente, o mundo contemporâneo influencia o comportamento dos alunos.

5-Mudanças do perfil do jovem e a indisciplina.

Tabela 5.1-Mudanças do perfil do jovem e a indisciplina.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	8,0	80%
não	2,0	20%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 5.2-Mudanças do perfil do jovem e a indisciplina.

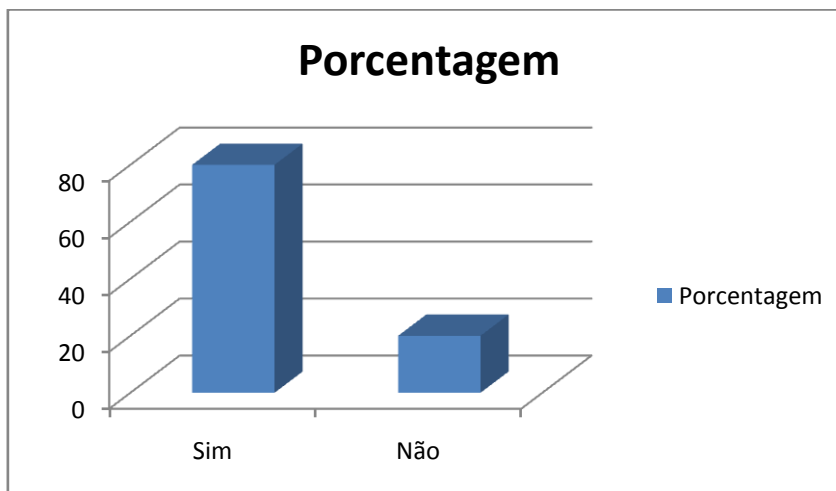
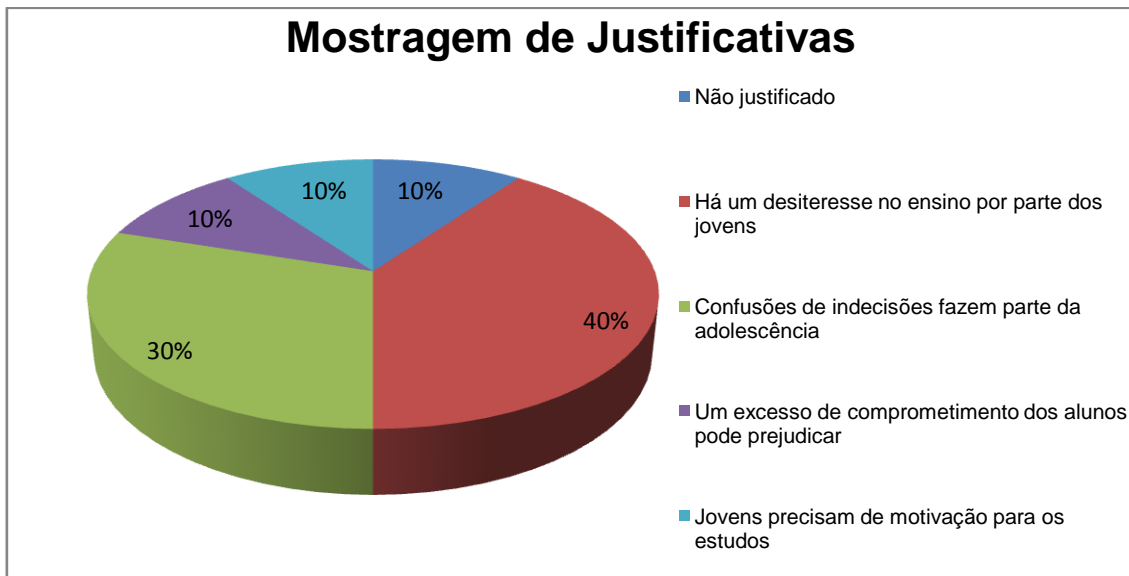


Gráfico 5.3-Mudanças do perfil do jovem e a indisciplina.

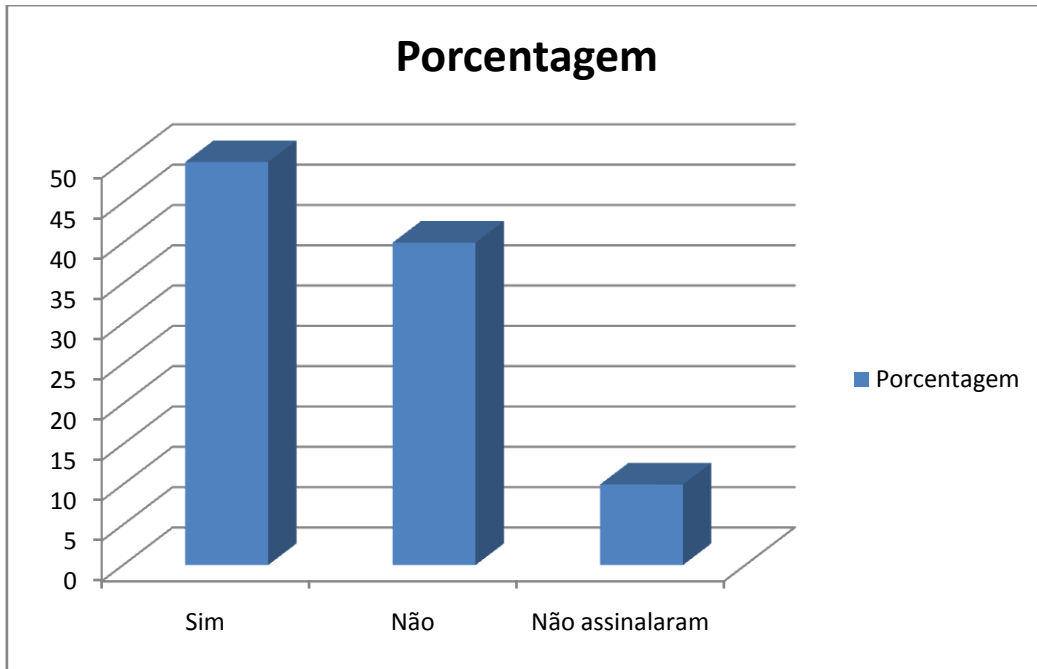
Os 80% dos entrevistados que disseram sim, 40% disseram haver um desinteresse no ensino por parte dos jovens, pois, o jovem contemporâneo caracteriza-se muito mais por aceitar o mundo como ele é do que por agir. Segundo Fávero Sobrinho (2010,p.12) enquanto os professores querem desenvolver um pensamento crítico da realidade, os alunos se mostram descrentes, então essa contradição de interesses realmente leva à indisciplina.

6-Desmotivação e desinteresse com relação à indisciplina.

Tabela 6.1-Desmotivação e desinteresse com relação à indisciplina.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	5,0	50%
não	4,0	40%
Não assinalaram	1,0	10%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 6.2- Desmotivação e desinteresse com relação à indisciplina.

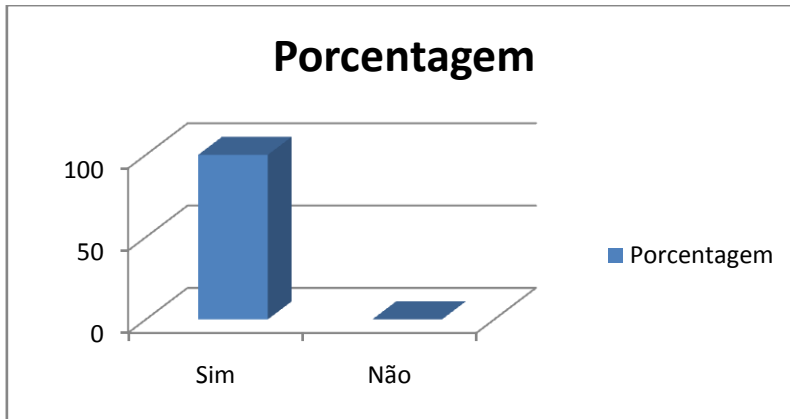
Levando em consideração que metade dos entrevistados disseram sim, compreende-se que para os jovens, a escola hoje representa um espaço de convivência e nota-se forte resistência ao currículo formal, pois seus interesses estão voltados para temas como namoro, sexualidade, moda, festas, passeios. Esse choque de interesses das partes professor e aluno leva à indisciplina em sala de aula.

7- Mídia sem controle e comportamento dos jovens.

Tabela 7.1-Mídia sem controle e comportamento dos jovens.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	10,0	100%
não	0,0	0,0%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 7.2-Mídia sem controle e comportamento dos jovens.

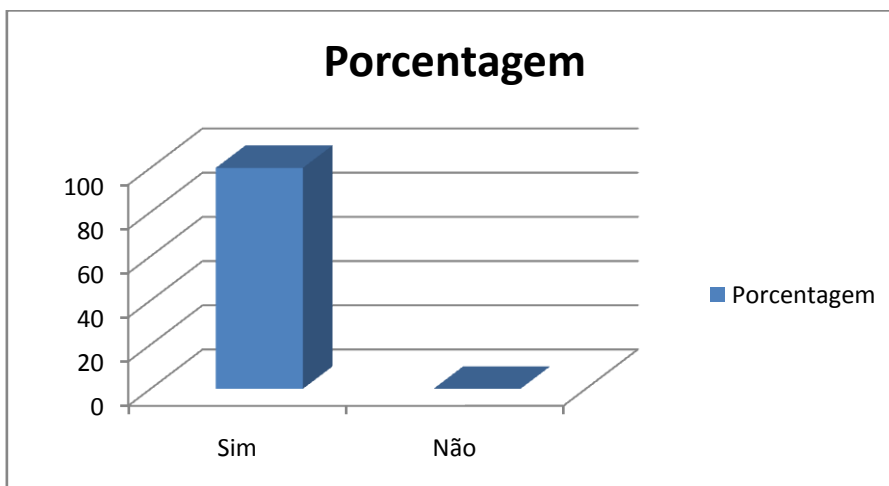
Todos os entrevistados disseram sim a esse questionamento. É importante levar em consideração que hoje temos um aluno que vem de uma cultura experiencial que muitas vezes é influenciada pela falta de criticidade da maioria das informações que chegam até eles, e esse fato com certeza influencia no comportamento dos jovens.

8-Participação da família e a indisciplina.

Tabela 8.1- Participação da família e a indisciplina.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	10,0	100%
não	0,0	0,0%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 8.2 – Participação da família e a indisciplina.

Vasconcellos (1997,p.231-233) nos fala que a crise da disciplina escolar hoje está associada justamente à crise de objetivos e de limites que estamos vivenciando. Isso explica a resposta positiva de 100% dos entrevistados, pois temos uma escola formada por jovens em sua grande maioria sem objetivos e limites, atitudes essas trazidas de casa, atitudes que se efetivam com participação dos pais na vida escolar de seus filhos. Essa falta evidentemente leva à indisciplina.

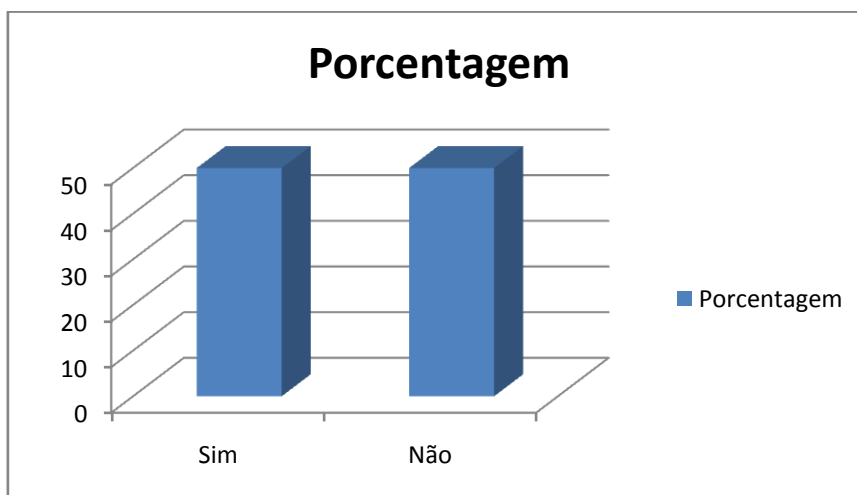
9-Política de valorização do professor e indisciplina.

Tabela 9.1- Política de valorização do professor e indisciplina.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	5,0	50%
não	5,0	50%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 9.2-Política de valorização do professor e indisciplina.



Aqui as opiniões se mostram divididas, mas segundo Vasconcellos (1997,p.228-229), uma das queixas dos professores segundo depoimentos é que muitas vezes os professores ficam desmotivados por que não ganham tão bem, e

então acaba sim refletindo na atuação do profissional em sala de aula, contribuindo assim com a indisciplina.

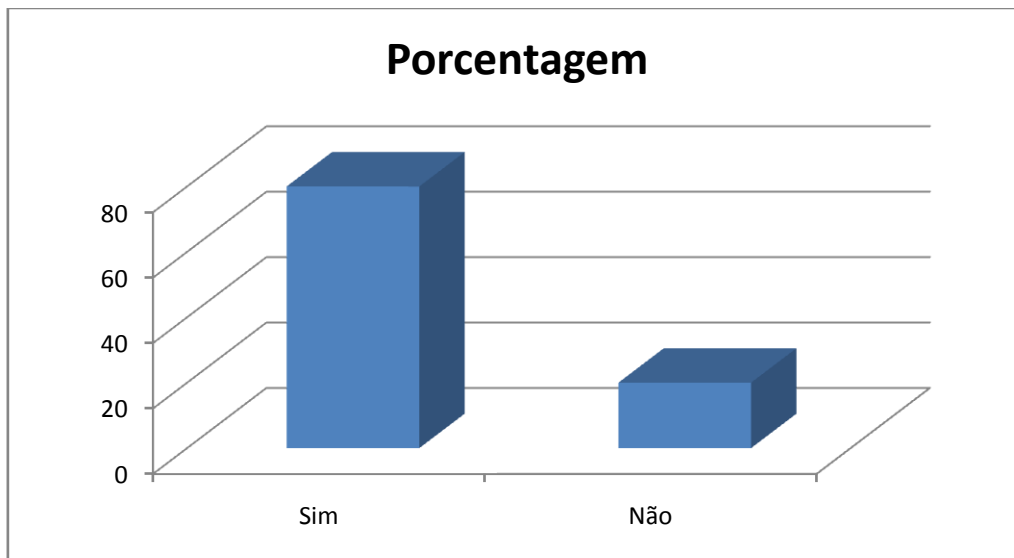
10 - Indisciplina e baixo rendimento.

Tabela 10.1- Indisciplina e baixo rendimento.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	9,0	90%
não	1,0	10%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 10.2- Indisciplina e baixo rendimento.



Machado (1995,p.138) nos afirma que compreender é aprender o significado, e aprender o significado de um objeto ou acontecimento é vê-lo em suas relações com outros objetos ou acontecimentos. Por isso é que 90% dos entrevistados responderam sim ao questionamento, se eu não produzo vou arrumar outra coisa para fazer.

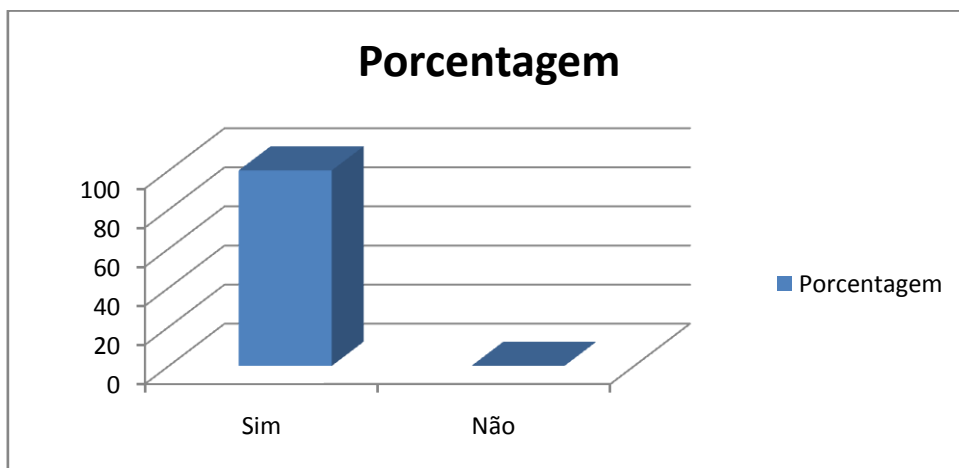
11-Falta de aprendizagem e indisciplina

Tabela 11.1 - Falta de aprendizagem e indisciplina.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	10,0	100%
não	0,0	0,0%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 11.2-Falta de aprendizagem e indisciplina.



100% dos entrevistados disseram que sim, e Aquino (1996,p.87) ressalta

(...) a disciplina é vista como uma qualidade, uma virtude que tem como objetivo a convivência e produção escolar de melhor qualidade. Assim, se a disciplina visa à melhora da produção escolar, isto significa a sua importância para uma aprendizagem significativa e de valor.

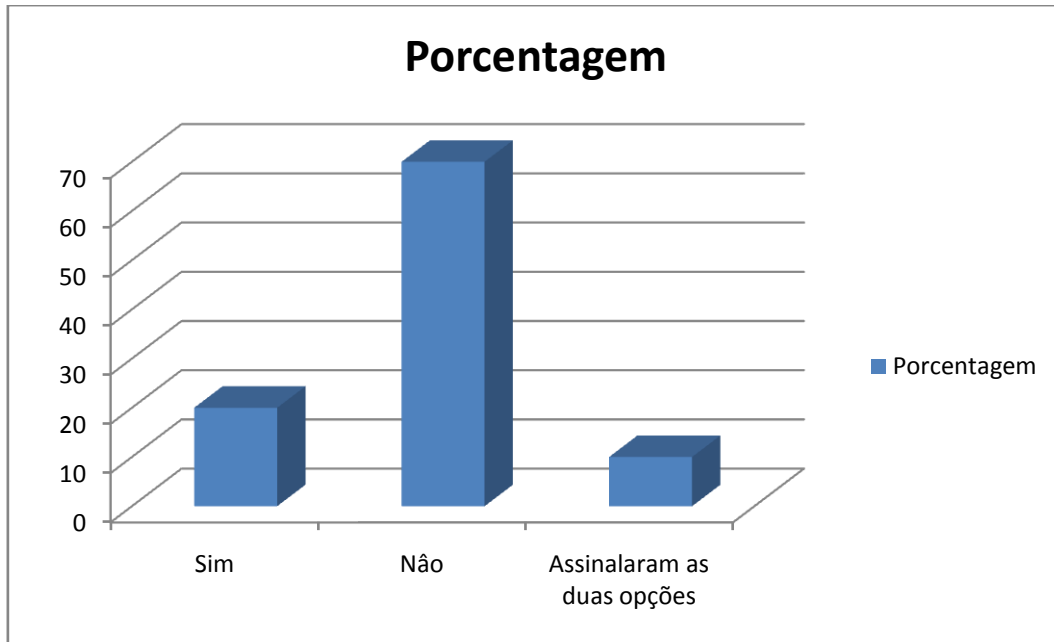
Então, essa colocação de Aquino foi comprovada pela pesquisa de campo.

12-Prejuízo da aprendizagem e sua recuperação.

Tabela 12.1- Prejuízo da aprendizagem e sua recuperação.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
Sim	2,0	20%
Não	7,0	70%
Assinalaram as duas opções	1,0	10%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 12.2-Prejuízo da aprendizagem e sua recuperação.

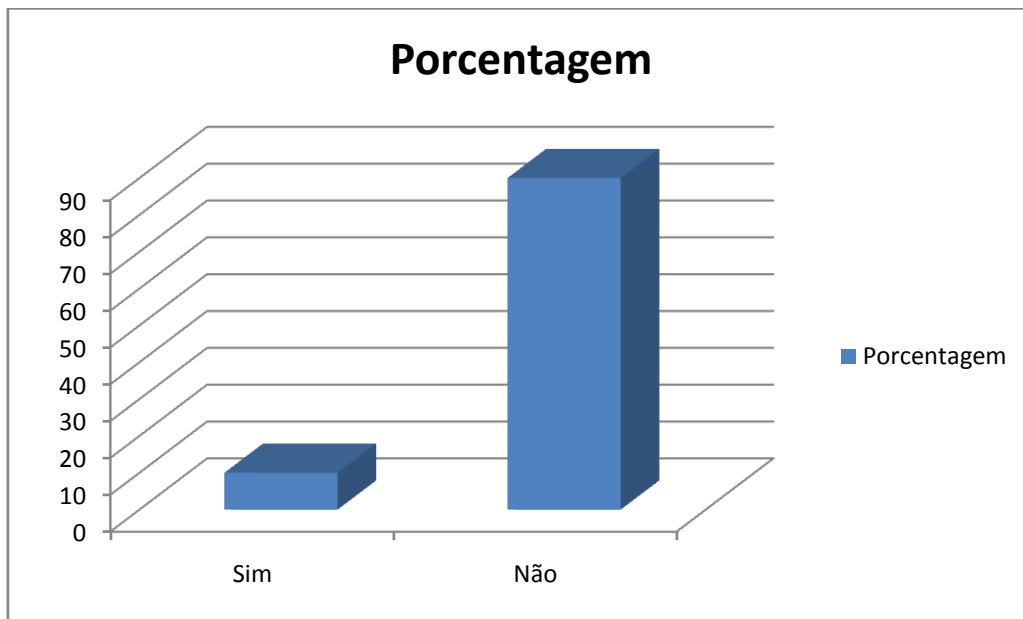
Ainda que 20% dos entrevistados tenham concordado com a pergunta, a maioria assinalou que não, concordando com o que nos fala Franco (2000,p.21) que a disciplina escolar está indissoluvelmente ligada aos processos de transmissão e assimilação dos conhecimentos elaborados historicamente pelo homem. Portanto, recuperar é possível, mas não com facilidade.

13-Responsabilidade da aprendizagem e o professor.

Tabela 13.1- Responsabilidade da aprendizagem e o professor.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
Não	9,0	90%
Sim	1,0	10%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 13.2- Responsabilidade da aprendizagem e o professor.

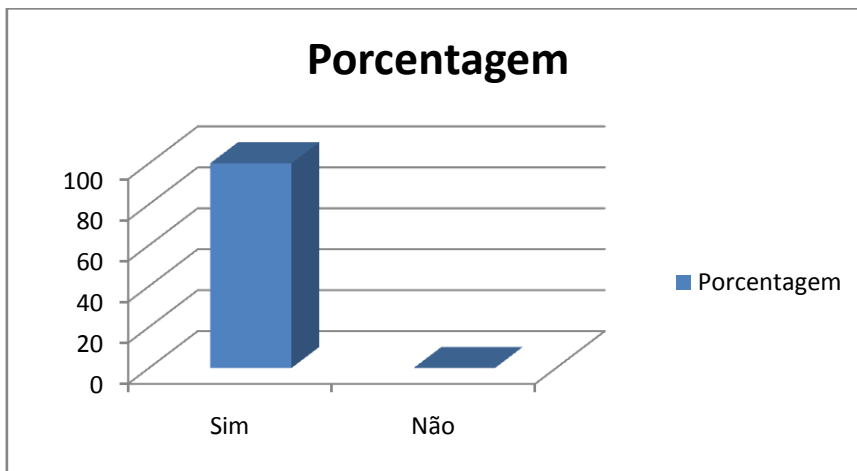
90% dos entrevistados disseram não. O processo de ensino-aprendizagem não é composto apenas pelo professor, ser estudante é uma profissão, ser pai e mãe também,então cada um tem que assumir e efetivar sua parcela de responsabilidade, pois Vasconcellos (1997,p.239-240) diz que um dos critérios para se definir uma profissão é que os sujeitos que abraçam possam ser responsabilizados pelo seu exercício.

14-Responsabilidade e planejamento do professor e a indisciplina.

Tabela 14.1- Responsabilidade e planejamento do professor e a indisciplina.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	10,0	100%
não	0,0	0,0%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 14.2- Responsabilidade e planejamento do professor e a indisciplina.

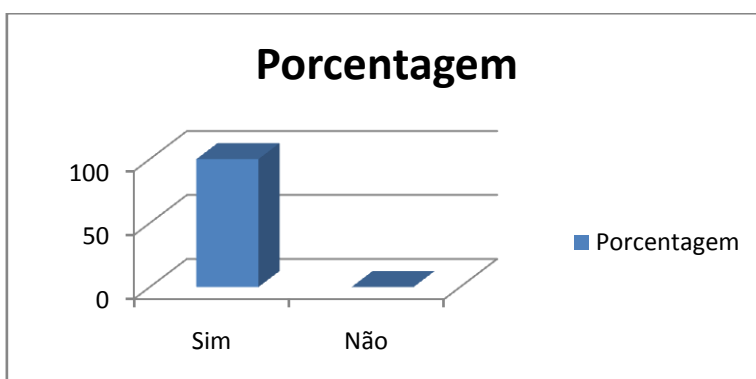
100% dos entrevistados disseram sim, pois se sabe que há uma desmotivação geral para o ofício de ser professor, o que muitas vezes se encontra é a espera por uma receita mágica e que há uma sensação de “não- poder”. A mudança de postura do professor assumindo sua parte com responsabilidade ajudaria sim a mudar a realidade das salas de aulas.

15-Respeito e disciplina.

Tabela 15.1-Respeito e disciplina.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	10,0	100%
não	0,0	0,0%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 15.2- Respeito e disciplina.

100% dos entrevistados disseram sim. Segundo Vasconcellos (1997,p.245), muitos problemas de indisciplina tem origem na questão do desrespeito, só que enquanto o desrespeito do aluno, normalmente, é explícito, o desrespeito do professor é camuflado, é sutil.

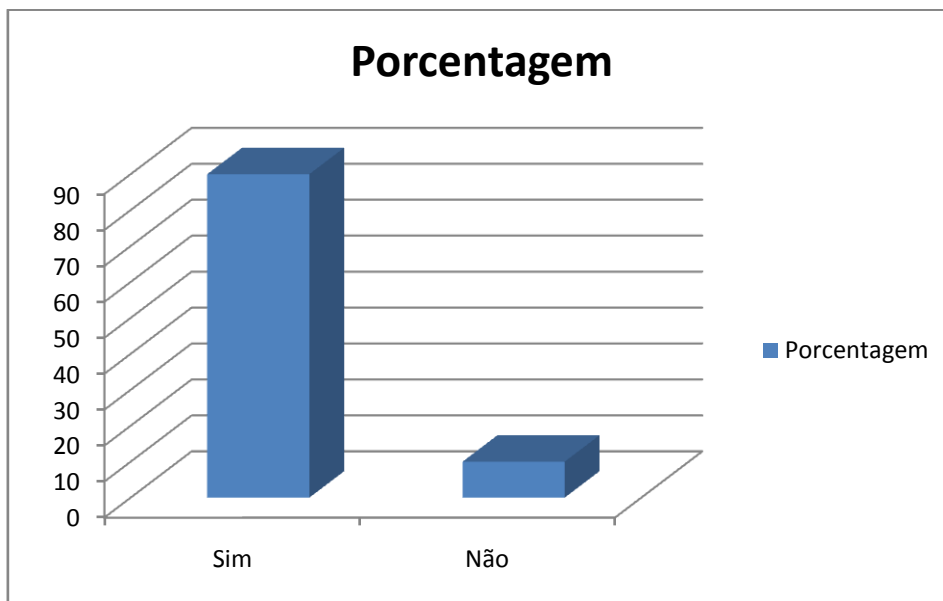
16-Regras de convivência e disciplina.

Tabela 16.1-Regras de convivência e disciplina.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	9,0	90%
não	1,0	10%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 16.2-Regras de convivência e disciplina.



90% dos entrevistados disseram que sim. É uma questão de fazer com que os alunos assumam suas responsabilidades, mas não por regras impostas, e sim por regras construídas coletivamente, pois os jovens contemporâneos não são mais meros ouvintes, eles possuem um novo perfil.

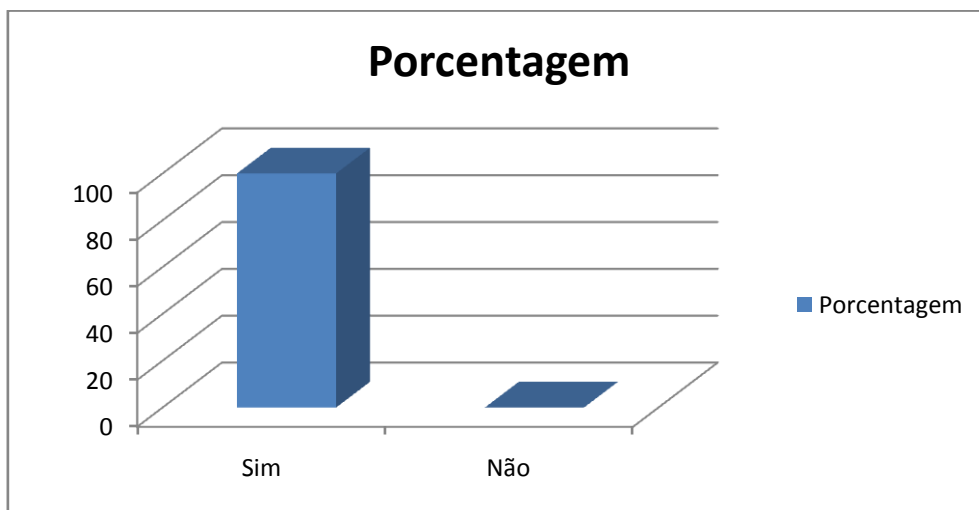
17-Equipe diretiva e a disciplina.

Tabela17.1-Equipe diretiva e a disciplina.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	10,0	100%
não	0,0	0,0%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 17.2- Equipe diretiva e a disciplina.



Todos os entrevistados responderam que sim, segundo Vasconcellos (1997,p.249-250), a equipe diretiva precisa criar um clima de confiança, baseado numa ética e no autêntico diálogo. Segue dizendo que algumas ações são necessárias para a construção de uma nova disciplina, a saber: o projeto político-pedagógico, projeto de ensino-aprendizagem, condições adequadas de trabalho na escola (número de alunos por classe, salário, instalações, espaço de trabalho coletivo constante entre o educadores) buscar definir com clareza os papéis e fortalecer os professores (apoio, espaço para atendimento, possibilitar a descargade ansiedade, reflexão coletiva para trabalhar dificuldades, diminuir o estresse informacional).

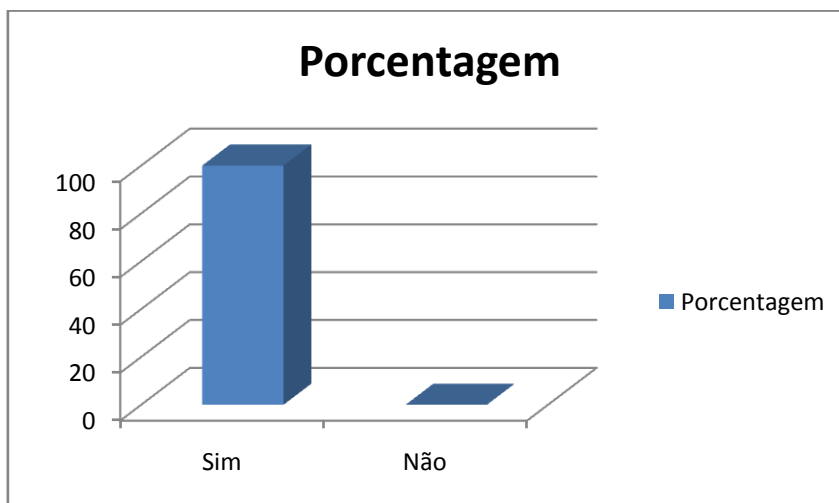
18-Atividades lúdicas e a disciplina.

Tabela 18.1- Atividades lúdicas e a disciplina.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	10,0	100%
não	0,0	0,0%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo

Gráfico 18.2- Atividades lúdicas e a disciplina.



100% dos entrevistados disseram sim. Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam a sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas (DAYRELL, 2007,p.1106).

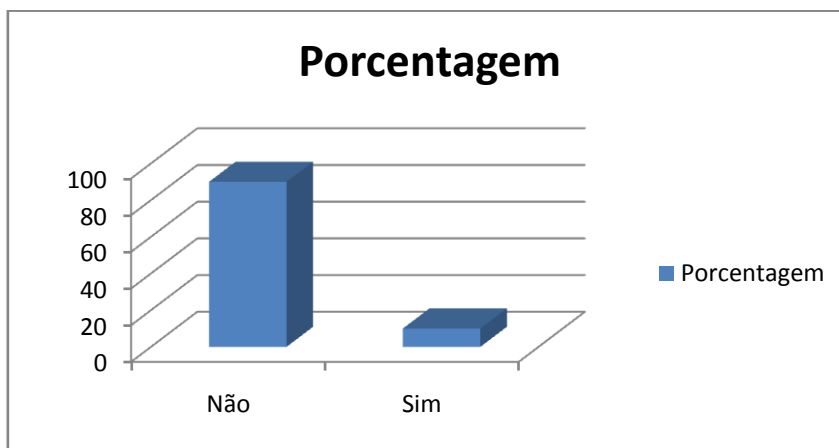
19-O Trabalho individual no controle disciplinar.

Tabela 19.1-Trabalho individual no controle disciplinar.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
Não	9,0	90%
Sim	1,0	10%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 19.2-Trabalho individual no controle disciplinar.



90% dos entrevistados não concordam, pois o diferencial do bom trabalho é realizá-lo coletivamente, e isso explica a necessidade do projeto político pedagógica da escola precisar ser construído por todos.

20-Coordenação pedagógica e o combate á indisciplina.

Tabela 20.1- Coordenação pedagógica e o combate á indisciplina.

<u>Variáveis</u>	<u>Frequência</u>	<u>Porcentagem</u>
sim	10,0	100%
não	0,0	0,0%
Total	10,0	100%

Fonte: pesquisa de campo.

Gráfico 20.2-Coordenação pedagógica e o combate á indisciplina.

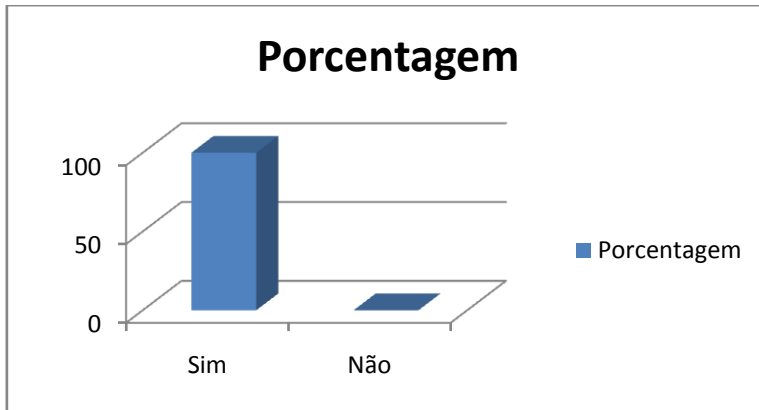
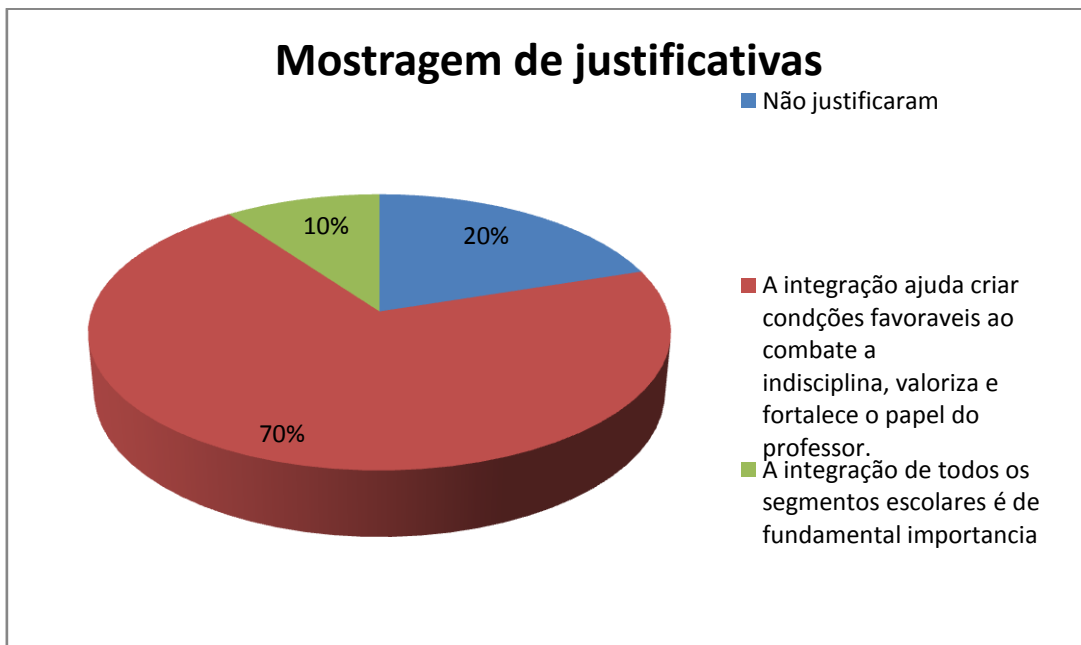


Gráfico 20.3-Coordenação pedagógica e o combate á indisciplina.



100% dos entrevistados responderam sim, e a maioria justificou que a integração ajuda criar condições favoráveis ao combate da indisciplina, valoriza e fortalece o professor, pois o trabalho em parceria entre alunos, professores e instituição é primordial para a construção de um sentido e de um novo relacionamento na escola.

3.1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações sociais, morais e culturais sofridas no mundo influenciaram o aluno contemporâneo que mudou seu perfil e não se adéqua à escola de sempre.

Segundo Juarez Dayrell, (2007, p.1005), para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretense individualismo de caráter hedonista e irresponsável, dentre outros adjetivos, que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar.

De acordo com a pesquisa desenvolvida, constata - se que o problema da indisciplina não se encontra apenas do lado dos alunos é preciso uma postura responsável e afetiva do professor para exercer sua profissão, levando em consideração todas as mudanças histórico-culturais. Também devemos considerar aulas bem planejadas, ver o aluno como “Ser Experiencial”, ou seja, que traz uma bagagem e que a ela também se anexam toda a globalização de informações e avanços tecnológicos e que tudo isso exerce influência na formação dos jovens contemporâneos e, conseqüentemente em seu comportamento.

Devemos nos preocupar também com o exercício do respeito mútuo entre professor- aluno e do incentivo ao interesse e à motivação, pois segundo Rossini (2007, p.16-44) “a afetividade é a base da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometida, sem expressão, sem força, sem vitalidade.”

Outros aspectos a considerar na caminhada para uma melhor disciplina em sala de aula é a valorização do professor, o apoio da equipe diretiva e o trabalho em equipe, humano e responsável feito em parceria com a coordenação pedagógica, e finalmente, faz-se necessário que se promova uma reflexão em todos os setores da escola sobre o assunto em questão, que cada parte envolvida no processo ensino-aprendizagem assuma sua responsabilidade, mudanças estruturais, administrativas e pedagógicas na escola e a participação efetiva da família na vida escolar de seus filhos.

4. REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas**. 10ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

ARROYO, M. **Quando a Violência Infanto–Juvenil Indaga a Pedagogia**. In: Educação e Sociedade: revista de ciência da educação. Campinas Cortez/CEDES. V. 28 Nº 100, 2007.

BÍBLIA SAGRADA: Ave Maria. São Paulo: Ave Maria, 2000.

BRYMAN, A. *Research methods and organization studies*. New York: Routledge. 1992.

DAYRELL, J. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. In: Educação e Sociedade. Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DENZIN, N e LINCOLN, Y. S. *The Sage handbook of qualitative research*. 3aed. London: Sage, 2005.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

FARIA de A.C. e CUNHA, da Ivan e XAVIER FELIPE, Yone. *Manual prático para elaboração de monografias*. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Universidade Judas Tadeu, 2007.

FAVERO SOBRINHO, Antonio. **O aluno não é mais aquele! E, agora professor?**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro 2010.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro, 1988.

FRANCO, Luiz Antonio Carvalho. **A Disciplina na Escola**. Periódico, V.G, n.1. Rio Grande do Sul: ANDE 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____ **Métodos e Técnica de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIMENO SACISTÁN, José. **O aluno como invenção**. Porto Alegre, Artmed, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Lettered al Carcere**. Torino. Einaudi, 1978.

GUATTARI, Félix. Caosmose. **Um novo paradigma estético**. São Paulo, Editora 34, 1994. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 1998.

HENGEMUHLE, Adelar. **Gestão de Ensino e Práticas Pedagógicas**. Editora Vozes, 5ª edição, 2008 – Petrópolis, RJ.

LIMA, Elvira Souza, **Currículo, Cultura e Conhecimento**. São Paulo, Editora Sobradinho 107, 2005.

MACHADO, Nilson José. **Epistemologia e Didática**. São Paulo: Cortez, 1995.

MARCONI, M.A. e LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____ **Fundamentos de metodologia científica**. 4ed. São Paulo: Atlas 2001.

NARADOWSKI, Mariano. **Infância e poder. A conformação pedagógica moderna.** Bragança Paulista, Universidade São Francisco, 2001.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia Afetiva.** Editora Vozes, 9ª edição, 2007 – Petrópolis, RJ.

TARDIFF, Maurice. **Saberes docentes e prática profissional.** Petrópolis, Vozes, 2002.

VALLE, L. **Os enigmas da educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VASCONCELLOS, Celso S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** 7ª Ed. São Paulo: Libertad, 1996.

_____ **Coordenação do trabalho pedagógico do projeto político – pedagógico ao cotidiano da sala d aula.** 8ª Ed. São Paulo: Libertad, 2007.

_____ **Para onde vai o professor: resgate do professor como sujeito de transformação.** 3ª Ed. São Paulo: Libertad, 1996.

VYGOTKY, L. S. **Formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WARNIER, Jean Pierre. **A mundialização da cultura.** Bauru, Edusc, 2000.

5. ANEXOS

ANEXO 1

UNIVERSIADADE DE BRASÍLIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA
PROJETO DE MONOGRAFIA
PROFESSOR: ANTÔNIO FÁVERO SOBRINHO
ORIENTADORA: SANDRA REGINA SANTANA COSTA
ALUNA: RITA DE CÁSSIA MACEDO DEL CASTILO

Questionário para coleta de dados

Caro(a) Professor(as):

Este questionário tem o objetivo de coletar informações com a finalidade de investigar as causas, as conseqüências e as possíveis maneiras didático-pedagógicas de enfrentar a indisciplina em sala de aula, situação essa vivida no mundo contemporâneo em escalas cada vez maiores.

Conto com a sua valiosa contribuição

A Pesquisadora

1. Na sua opinião o foco da indisciplina se encontra nos alunos?

()sim ()não

Justifique sua resposta

2. O mau planejamento de uma aula está ligado à indisciplina dos alunos?

()sim ()não

Justifique sua resposta

3. Os conflitos sociais vividos pelos alunos são fatores que influenciam em seu comportamento?

()sim ()não

Justifique sua resposta

4. O mundo contemporâneo com a globalização de informações e o avanço das tecnologias influenciam negativamente ou positivamente no comportamento dos alunos? ()sim ()não

Justifique sua resposta

5. A mudança do perfil do jovem que de um lado se mostra conformado diante da realidade e de outro se preocupa em viver somente o aqui e o agora representa uma causa da indisciplina?

()sim ()não

Justifique sua resposta

6. A desmotivação e o desinteresse dos alunos com relação ao currículo escolar representam causas da indisciplina?

()sim ()não

7. A mídia sem controle e análise crítica influencia no comportamento dos jovens?

()sim ()não

8. A falta de acompanhamento e participação da família na vida escolar de seus filhos é um fator que contribui com a indisciplina?
9. A falta de uma política de valorização do professor é causa direta da indisciplina em sala de aula?
()sim ()não
10. A indisciplina dos alunos em sala de aula está ligada ao baixo rendimento de uma turma?
()sim ()não
11. A falta de aprendizagem gera indisciplina?
()sim ()não
12. O prejuízo da aprendizagem causado pela indisciplina pode ser recuperado com facilidade no próximo ano de estudos?
()sim ()não
13. A responsabilidade de aprendizagem do aluno é exclusivamente do professor?
()sim ()não
14. Assumir o papel de educadores com responsabilidade e planejamento é fator que ajuda na disciplina de uma sala de aula?
()sim ()não
15. O respeito mútuo entre professor e aluno contribui para a disciplina escolar?
()sim ()não
16. Construir coletivamente com a turma regras de convivência estabelece uma maior disciplina em sala de aula?
()sim ()não

17.O apoio da equipe diretiva aos seus professores representa um fator importante na condução disciplinar de uma sala de aula?
()sim ()não

18.A realização de atividades lúdicas ou que despertem motivação para estudar ajudam no processo disciplinar?
()sim ()não

19.O trabalho pedagógico dos professores realizado individualmente é mais eficaz no controle disciplinar de sua turma?
()sim ()não

20.O trabalho da coordenação pedagógica junto com professores servindo como elo e apoio pedagógico para realização de um trabalho em equipe ajuda no combate à Indisciplina?
()sim ()não

Justifique sua resposta

ANEXO 2**TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Universidade de Brasília

Prezado (a) Professor (a),

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa que tem por tema: _____

_____ O trabalho será desenvolvido por mim, estudante de pós-graduação devidamente matriculada no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica a Distância da Universidade de Brasília.

Todos os procedimentos precisam ser registrados e por isso, serão feitos registros escritos. As informações construídas serão consideradas sigilosas de acordo com as recomendações éticas. O seu nome (real) será omitido em todos os registros escritos.

Sua assinatura abaixo indica que você leu, esclareceu dúvidas e livremente concordou em participar dessas atividades. Caso tenha alguma questão ou dúvida, basta entrar em contato comigo ou com a minha orientadora. O nome e o telefone encontram-se ao final desta página.

Agradecemos sua atenção e cooperação.

Data _____/_____/20____.

Nome do participante:

Assinatura: _____

Telefone: _____

ASSINATURA:

Estudante: (nome da
estudante): _____

Telefone: _____ ou e-mail:
